



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Geovane da Silva Costa

**A pedagogia brincante de Paulo Freire e Augusto Boal:  
o jogo teatral como ferramenta para ler o mundo**

Rio de Janeiro

2022

Geovane da Silva Costa

**A pedagogia brincante de Paulo Freire e Augusto Boal:  
o jogo teatral como ferramenta para ler o mundo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação - ProPed/UERJ, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Prof.º Orientador: Walter Omar Kohan

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

C837 Costa, Geovane da Silva  
A pedagogia brincante de Paulo Freire e Augusto Boal: o jogo teatral como  
ferramenta para ler o mundo / Geovane da Silva Costa. – 2022.  
71 f.

Orientadora: Walter Omar Kohan.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Teatro do Oprimido – Teses. 3. Pedagogia do  
Oprimido – Teses. I. Kohan, Walter Omar. II. Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Geovane da Silva Costa

**A pedagogia brincante de Paulo Freire e Augusto Boal:  
o jogo teatral como ferramenta para ler o mundo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação - ProPed/UERJ, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em 29 de agosto de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Walter Omar Kohan (Orientador)  
Faculdade de Educação da UERJ

---

Prof. Dr. Renato Nogueira  
Professor Adjunto do Departamento de Educação e Sociedade (DES) da UFRRJ

---

Prof. Dr. Wanderson Flor  
Professor Adjunto do Departamento de Filosofia (FIL) da UNB

Rio de Janeiro

2022

## **DEDICATÓRIO**

Dedico esta dissertação ao meu pai Valdecir Paulino Costa que foi vítima da Covid e da política de morte do desgoverno Bolsonaro; ao meu filho Noah Barone Arcanjo Costa e a minha companheira Dany Arcanjo pelas meninices de todas as horas.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Olorum e a todos os orixás. Laroyê, Exu! Atotô, Obaluayê! Babá, Oxalá! Patakori Ogum! Odoyá Iemanjá! Salve Pretos/as Velhos/as, Caboclos/as e Ibejis! Salve a umbanda! Salve o candomblé! Salve a ancestralidade! Saravá! Axé!

Agradeço ao meu pai Valdecir Paulino Costa que foi levado pelo Covid-19. É para ele que dedico este trabalho. Meu pai tinha pouco estudo, mas sempre me incentivou a buscar o caminho da educação. Assim como a minha mãe Maria Helena.

Agradeço ao meu filho Noah Barone Arcanjo Costa por me ensinar dia-a-dia sobre as brincadeiras das infâncias.

Agradeço a minha companheira Dany Arcanjo por estar ao meu lado nas meninices da vida, nas alegrias e nas tristezas.

Agradeço a todos estudantes da Escola Firjan SESI Duque de Caxias que aprendem ensinando e ensinam aprendendo.

Agradeço aos meus colegas docentes pela luta diária por uma educação criativa e humanista.

Agradeço ao CNPq pelos doze meses de bolsa.

Agradeço aos professores que compõem a banca.

Agradeço aos mestres Paulo Freire e Augusto Boal por me ensinarem a esperar e a teatralizar.

Agradeço ao querido Geo Brito, fundador do Teatro do Oprimido pela indicação do livro *Estética do Oprimido* e por todo o apoio.

Agradeço ao querido orientador Walter Kohan que sabe meninar bem uma dissertação.

Agradeço ao NEFI e aos nefiantes pelas trocas, meninices, brincadeiras e invenções que só o trabalho coletivo é capaz de proporcionar.

## RESUMO

BARONE, Geovane. *A Pedagogia Brincante de Paulo Freire e Augusto Boal: O jogo teatral como ferramenta para ler o mundo*. 71 f. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2022.

A presente pesquisa tem como foco temático investigar a meninice de Paulo Freire para uma pedagogia brincante no ensino de filosofia com crianças e jovens com base na aplicação do jogo teatral do Teatro do Oprimido de Augusto Boal em sala de aula. Ofereço como exemplos de garimpo, exercícios da minha experiência como professor de filosofia e de teatro com crianças e jovens no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio da Escola Firjan SESI Duque de Caxias. Tanto a metodologia descritiva, a práxis do pesquisar e o estar na sala de aula, quanto a dialética teórica são bússolas no garimpo. A teoria da pedagogia da autonomia e dos oprimidos e oprimidas criadas por estes autores é organon precioso, assim como a busca da infancialização apontadas por Wanderson Flor e Renato Nogueira sobre a educação ubuntu e das infâncias guaranis ao modo teko porã abordado por Tassinari para a prática educativa brincante que potencialize a infância do (re) encantar-se com o mundo, educar como infancializar, educar como ancestralidade presente. Das infâncias como ubuntuwana e como teko porã. Os principais aprendizados da dissertação mostram que a pedagogia brincante pode e deve ser inserida no processo educativo e que, além de contribuir para uma aula mais divertida, provocativa e criativa, resgata a experiência brincante do ser humano independentemente da idade.

Palavras-chaves: Teatro do Oprimido. Pedagogia do Oprimido. Pedagogia Brincante. Infancializar, Corpos pensantes.

## RESUMEN

BARONE, Geovane. La Pedagogía Lúdica/Brincante de Paulo Freire y Augusto Boal: El juego teatral como herramienta para leer el mundo. 71 f. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2022.

La presente investigación tiene como eje temático investigar la infancia de Paulo Freire para una pedagogía lúdica/brincante en la enseñanza de la filosofía con niños y jóvenes a partir de la aplicación del juego teatral del Teatro del Oprimido de Augusto Boal en el aula. Ofrezco como ejemplos de minería, ejercicios de mi experiencia como docente de filosofía y teatro con niños y jóvenes de la Enseñanza Básica II y Secundaria de la Escola Firjan SESI Duque de Caxias. Tanto la metodología descriptiva, la praxis de investigar y estar en el aula, como la dialéctica teórica son brújulas en la minería. La teoría de la pedagogía de la autonomía y de los dos hombres y mujeres oprimidos planteada por estos autores es un órgano precioso, así como la búsqueda de la infantilización propuesta por Wanderson Flor y Renato Nogueira sobre la educación de los niños ubuntu y guaraníes en via teko porã abordada por Tassinari por una práctica educativa Brillante que faculta a la niñez a (re)encantarse como mundo, a educar como niño, a educar como ancestro presente. Desde la infancia como ubuntu y como teko porã. Los principales aprendizajes de la disertación muestran que la pedagogía lúdica/brincante puede y debe insertarse en el proceso educativo y que, además de contribuir a un aula más divertida, provocadora y creativa, rescata la experiencia lúdica del ser humano sin importar la edad.

Palabras clave: Teatro del Oprimido. Pedagogía del Oprimido. Pedagogía Lúdica/Brincante. Infancia. Cuerpos pensantes.

Atores somos todos nós, e cidadão não é aquele que vive em sociedade: é aquele que a transforma.

*Augusto Boal, 2008, p. 3*

No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdade, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia. Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente.

*Paulo Freire, 1996, p.37*

Tenho sincero respeito por aqueles que dedicam suas vidas exclusivamente à sua arte – é seu direito e condição! –, mas prefiro aqueles que dedicam sua arte à vida. [...] Que cada um diga o que fez, a que veio e por que ficou. E que cada um tenha a coragem de, não sabendo por que permanece, retirar-se.

*Augusto Boal, 2008, p. 4*

A coisa mais importante para os brasileiros é inventar o Brasil que queremos,

*Darcy Ribeiro trecho da entrevista 0``48' a 0``51' do Documentário O Povo Brasileiro. Disponível em <https://youtu.be/TMNuIMYchm0>*

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 -	Árvore do Teatro do Oprimido.....	21
Quadro 1 -	Diversas Linguagens .....	40
Quadro 2-	Projeto O átomo cria o mundo .....	42
Figura 2 -	Projeto Átomo - exemplo de didática brincante 1 .....	46
Figura 3 -	Projeto Átomo - exemplo de didática brincante 2.....	46
Figura 4 -	Projeto Átomo - exemplo de didática brincante 3.....	47
Figura 6 -	Projeto Átomo - Brincando de fazer protótipos a partir da ideia de átomo - uso das artes visuais .....	47
Figura 7 -	Exemplo de Professor Curinga.....	50
Figuras 8 -	Projeto Interdisciplinar O Átomo Cria o Mundo (9º Ano do Ensino Fundamental II).....	62
Figuras 9 -	Oficina Maker - Projeto Interdisciplinar Caminhos para redução das desigualdades (7º Ano do Ensino Fundamental II).....	63
Figuras 10 -	Projeto Interdisciplinar A Categorização e a Representação do Mundo (6º Ano do Ensino Fundamental II).....	63
Figuras 11 -	Projeto Interdisciplinar Discursos em Imagens (9º Ano do Ensino Fundamental II).....	64
Figuras 12 -	Projeto Interdisciplinar Nós nos conhecemos? (1º Ano do Ensino Médio)..	66
Figuras 13 -	Projeto Interdisciplinar Nós nos conhecemos? (1º Ano do Ensino Médio)..	67
Figuras 14 -	Projeto InterdisciplinarSaúde é Democracia - A Mulher Negra no Xadrez Social (2º Ano do Ensino Médio ) .....	68
Figuras 15 -	Projeto Clube de Humanas Direitos Humanos e o Problema da Desigualdade Racial e de Gênero (1º Ano do Ensino Médio ).....	70

## SUMÁRIO

	<b>PRÓLOGO</b> .....	10
1	<b>PRIMEIRO ATO: PEDAGOGIA BRINCANTE</b> .....	12
1.1	<b>Cena I: Cartas a Cristina e as meninas de Paulo Freire e Augusto Boal</b> .....	16
1.2	<b>Cena II: Pedagogia decolonial, Pedagogia brincante</b> .....	27
2	<b>SEGUNDO ATO: DIDÁTICA BRINCANTE, OS JOGOS TEATRAIS NAS AULAS</b> .....	34
2.1	<b>Cena I: Os jogos e as brincadeiras teatrais nas aulas de Filosofia e nas aulas interdisciplinares na Escola Firjan SESI Caxias</b> .....	37
2.2	<b>Cena II: O/A professor/ra Curinga (O/A Brincante)</b> .....	48
	<b>EPÍLOGO - A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS TEATRAIS E DA BRINCADEIRA NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR E DO EDUCANDO</b> .....	54
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	56
	<b>ANEXO A - Fichas de propostas pedagógicas</b> .....	59
	<b>ANEXO B - Experiências De Jogos Teatrais Na Sala De Aula - Escola Firjan Sesi Duque de Caxias (IFII - 6º E 9º Ano)</b> .....	62
	<b>ANEXO C - Experiências de jogos teatrais na sala de aula - escola Firjan Sesi Duque de Caxias (ensino médio)</b> .....	66

## PRÓLOGO

### POEMA NEFIANO

Nefiar é infanciarizar

Nefiar é meninice

Nefiar é brincante

Nefiar é Esperançar

Aqui não há ponto final

Nem no verso

Nem na prática

Se pontuamos é para

Dar uma pausa

Ir para a outra linha

Nefiar é coletivizar

Nefiar é perguntar

Nefiar é filosofar

Nefiar é errância

Nefiar é ...

Infâncias.

*por Geovane Barone*

A meninice de ontem pode permanecer hoje e amanhã? Resgatar a infância que há em nós. Ou melhor, as infâncias. Talvez seja isso o que aprendi com os nefiantes, como chamamos carinhosamente todos, todas e todes do Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI) que faz um trabalho de ensino, pesquisa e extensão vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPEd/UERJ), conduzido pelo mestre Walter Kohan.

Antes de entrar para o NEFI, já era um pouco nefiano, pois ao ler a dissertação de mestrado da nefiana Giovânia Costa *Corpo, possibilidades para pensar e ensinar filosofia*, identifiquei-me como ela colocava o teatro e o debate sobre o corpo na roda da discussão filosófica: o philodrama. Fiquei encantado e impactado. Disse para mim mesmo: - Quero fazer parte deste núcleo. Assim foi, pesquisei sobre o programa de pós-graduação da UERJ, pesquisei

sobre o NEFI, li inúmeros artigos e livros de Walter Kohan e disse: - Quero esse mestre como meu orientador.

Em 2019, fiz o processo seletivo do mestrado e parecia que estava em casa. Pensei que fosse talvez por conta da minha proximidade com a UERJ. Afinal, fiz a minha graduação em filosofia na mesma universidade. Mas não era isso. De alguma maneira, o NEFI era um quintal de casa ou a área comum do condomínio onde brincamos, jogamos e fazemos as primeiras perguntas. No final de 2019, estava já com os nefiantes após receber a notícia de aprovação no mestrado. Foi uma alegria. Já estava em casa. A minha infância vibrava. Em 2020, tivemos um curso de verão no início de janeiro, mas logo depois veio a pandemia da Covid-19. Tive que enfrentar novas errâncias - palavra que demarca uma linguagem nefiana - em relação a vida (a pandemia levou o meu querido pai) e em relação ao mestrado (que acabara de começar).

Entrei com um projeto sobre a pedagogia da autonomia e a relação do teatro de Augusto Boal e a pedagogia de Paulo Freire e acabei descobrindo que o cerne da autonomia está na brincadeira, no jogo, nas infâncias que está sempre presente em todo o momento da vida, não importa o tempo cronológico nem a idade que se tenha. No NEFI aprendemos que a infância está em nós. Por isso, convido você a brincar o pensamento com todo o corpo. Entre na roda da nossa pedagogia brincante. Bom espetáculo! Opa! Boa brincadeira!

## 1 PRIMEIRO ATO: PEDAGOGIA BRINCANTE

o essencial do brincar é a liberdade de tempo, liberdade de espaço e liberdade de criação!

*Tarja Branca: a revolução que faltava, 2014, trecho 14:15 min.*

Um dos entrevistados do documentário *TARJA BRANCA: a revolução que faltava*, dirigido por Cacau Rhoden, fala: “O que falta muito neste mundo é um pouco de brincadeira, entendeu? Em tudo! Quando você perde essa capacidade de brincar, eu acho que você perde uma conexão com sua essência!” (2014, trecho 4:30 min.).

A minha reconexão com o brincar, o meu processo de pesquisar sobre as infâncias começou com o meu filho no ano de 2019. Entrei no mestrado em 2020 no mesmo compasso dos primeiros anos de vida dele. Percebi que o brincar estava tanto no meu dia-a-dia com ele (ver figura 1) em casa no espaço privado ou no parquinho no espaço público quanto nas aulas em que eu coordenava na escola. Eu brincava e, ao mesmo tempo, ensinava e aprendia. O menino na sua meninice começava a sua socialização primária e secundária e eu me ressocializava, eu me meninoava. Quiçá, como disse um amigo, ter um filho é nascer de novo. No caso desta pesquisa, com esse nascimento, eu digo que ter um filho é aprender a brincar novo e de novo.

Brincar, fazer de conta, teatralizar, imaginar mundos, relações, encontros e desencontros. Brincar na escola, brincar na festa, brincar na arte, brincar no trabalho, brincar com as palavras. A meninice que há em mim e em você. O menino, a menina de outrora, não morreu. Permanece em nós. Por que nos esquecemos disso? Por que calamos a meninice que há em nós? A esperança é menina, a revolução é menina! Assim enfatizou o mestre Paulo Freire.

Queremos afirmar o lúdico não apenas como uma didática ou proposta pedagógica, mas o lúdico como sendo da própria cultura, como afirmou o pensador holandês Johan Huizinga no livro *Homo Ludens*:

(...) A própria existência do jogo é uma confirmação permanente da natureza supralógica da situação humana. Se os animais são capazes de brincar, é porque são alguma coisa mais do que simples seres mecânicos. Se brincamos e jogamos, e temos consciência disso, é porque somos mais do que simples seres racionais, pois o jogo é irracional. (1990, p. 7)

Já aqui HUIZINGA apresenta jogo e brincadeira como sinônimos - o que também queremos desenrolar ao longo do texto. O jogo e a brincadeira são uma dimensão cultural do ser humano é apresentam o supralógico, o pensar intuitivo que é muitas vezes desvalorizado

pelos cânones do conhecimento e pela escolas e universidades. O brincar e o jogar colocam o irracional no campo dos conhecimentos, o intuitivo, e imaginativo. Somos seres irracionais e racionais, supralógicos e hiperlógicos. Podemos pensar por imagens e também por conceitos. Na linguagem do brincar e do jogar esse dualismo não se separa, são unidos e amalgamados dialeticamente.

O alerta é fundamental. Numa sociedade consumista cuja ideologia preza pela produtividade e deixa pouco espaço para o brincar, somos educados para sermos responsáveis, adultos, maduros, lógicos, exatos, críticos. Quando a brincadeira e o jogo são abordados na sociedade capitalista neoliberal, logo são convertidos em produtos rentáveis, seja nas animações infantis, nas escolas que tratam a educação como um negócio, seja num reality show desses programas de massas - como o BBB (Big Brother Brasil), por exemplo -, seja num jogo de futebol. Falamos aqui não desses jogos-brincadeiras, mas dos jogos-brincadeiras como ancestralidade, como manifestação da liberdade humana voando em direção a criação de linguagem e de cultura.

Não queremos encerrar aqui a provocação e, por isso, indagamos: Por qual motivo não somos educados para sermos brincantes?

Por que não podemos conquistar a criticidade, a responsabilidade, a autonomia pela via da boniteza, da ludicidade, da criatividade proporcionadas pela brincadeira, pelo jogo e pela arte. Arte-educação, educarte, nomes de uma sinestesia necessária no processo de ensinar aprendendo e aprendendo ensinando. Por isso, afirmo Boal e Freire em simbiose. Por isso, brinco junto com as suas meninices. Por isso, essa pesquisa. Será possível uma pesquisa brincante? Em busca de possíveis respostas e novas indagações, vamos pesquisando e brincando.

Talvez a conexão com a essência do indivíduo, relatada no filme Tarja Branca e na experiência de brincar com o meu filho, seja o resgate da nossa conexão com a infância. A questão não é apenas individual: como resgatar a infância e o brincar na escola não importa a idade que se tenha? Qual é o espaço do brincar na escola?

Talvez, como afirma KOHAN (2021), precisamos manter viva a pedagogia menina legada pelo menino de 100 anos Paulo Freire. O manter a infância dentro de si é percebido tanto na sua maneira de pensar e sentir a educação à sombra da mangueira no bairro da Casa Amarela em Recife quanto no sentido menino de estar sendo nas relações com os outros, no questionamento de si e do mundo e na persistência por lutar e sonhar por uma vida mais digna para todos os seres humanos e, principalmente, para os menos favorecidos ao longo de toda a sua vida. Ancestralidade, solidariedade, sonho e pergunta são em analogia sinônimos de

infância. Afinal, jogar e brincar é para todo mundo. Quanto mais diversa mais legal é a brincadeira. Uma pedagogia brincante é uma pedagogia menina da pergunta, do questionar a si e ao mundo no brincar de viver e do viver brincando.

Motivados por Paulo Freire e na busca de algumas experiências de educação brincantes, uma das nossas hipóteses é inserir a teatralização na prática docente, independentemente se essa prática é feita por um professor da área artística, de linguagens, de humanas, matemática ou das ciências naturais. O brincar e o corpo necessitam estar inseridos no processo educacional tanto de crianças, quanto no ensino de jovens e adultos. Tomemos aqui o teatro como um exemplo de campo do como o jogar e o brincar proporcionados pela teatralidade podem estimular uma pedagogia menina da pergunta, uma pedagogia brincante. O teatrólogo Augusto Boal, criador do Teatro do Oprimido, diz no livro *Jogos para atores e não atores* que “O Teatro do Oprimido é teatro na acepção mais arcaica da palavra: todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam. Somos todos EspectAtores“(2007, p. IX). Em outra parte do livro, Boal diz que o elemento mais importante do teatro é o corpo humano e que a sua metodologia pode ser usada tanto por atores profissionais e amadores, quanto por terapeutas, professores (as), pedagogos(as).

O Teatro do Oprimido de BOAL apresenta a possibilidade dos substantivos que falamos acima extraídos das reflexões e práticas meninas de Paulo Freire. Se todos os seres humanos são atores - como disse o nosso teatrólogo -, todos precisamos uns dos outros. O teatro é coletivo. O teatro é ancestralidade, sonho, pergunta e solidariedade. Agimos porque alguém nos observa e observamos por que alguém age. No teatro, para jogar e brincar, basta colocar o corpo ao compasso da dança do imaginário e da criatividade.

Conheci o mestre Augusto Boal<sup>1</sup> em 2006 em um ato dos trabalhadores e trabalhadoras da Cultura no antigo Canecão no Rio de Janeiro. Ele fez um discurso de apoio à reeleição de Luiz Inácio Lula da Silva. Fiquei completamente emocionado. Foi aí que passei a brincar com Boal, fazendo algumas oficinas de Teatro do Oprimido com o mesmo. Fiz uma no *Centro de Teatro do Oprimido (CTO), na Lapa*, onde tive contato com os exercícios, jogos, brincadeiras e técnicas de teatro de todo o arsenal da Estética do Oprimido e de como o mesmo é potente no ensinar-aprender.

---

<sup>1</sup> Augusto Boal (1931-2009) foi um diretor de teatro, dramaturgo e ensaísta brasileiro, que mais contribuiu para a criação de um teatro genuinamente brasileiro e latino americano. Desde os primórdios de sua carreira, no teatro de Arena, até o Teatro do Oprimido, técnica que o tornou mundialmente conhecido, passando pelas Sambóperas, sua preocupação foi a de criar uma linguagem que pudesse traduzir a realidade do seu país, uma maneira brasileira de falar, sentir e pensar. Essa preocupação imprime ao seu trabalho uma dimensão política e social, concebendo o teatro como instrumento de transformação alicerçada na temática e na linguagem.

O CTO criado por Augusto Boal e por diversos colaboradores e colaboradoras surgiu em 1986 como um centro de pesquisa e difusão da metodologia específica do Teatro do Oprimido em laboratórios e seminários, ambos de caráter permanente, para revisão, experimentação, análise e sistematização de exercícios, jogos e técnicas teatrais. Nos laboratórios e seminários são elaborados e produzidos projetos sócio-culturais, espetáculos teatrais e produtos artísticos, tendo como alicerce a Estética do Oprimido. Além da atuação na sede com cursos, palestra, eventos culturais, políticos e sociais, criação de espetáculos, o Teatro do Oprimido é uma ferramenta de trabalho político, social e artístico com atuações em comunidades rurais e urbanas, MST, escolas e universidades, hospitais psiquiátricos, coletivos de mulheres, negros e LGBTQIA+ entre outros. Como diz Geo Britto, integrante do colegiado do Centro do Teatro do Oprimido: “É uma ferramenta na luta do oprimido por uma sociedade mais justa, uma sociedade sem classes, sem racismo e sem machismo”. O Teatro do Oprimido está presente em mais de 70 países espalhados pelos cinco continentes. Lembro-me de como BOAL contava animado a sua experiência com um grupo de Teatro do Oprimido numa comunidade rural na Índia e de como o teatro era aplicado para debater e até resolver conflitos éticos, políticos e sociais, como o machismo e o direito das mulheres.

Quando falamos de uma pedagogia brincante, estamos afirmando uma pedagogia que contempla o brincar. Pedagogia que enxerga a brincadeira como caminho possível no processo educativo. A brincadeira traz autonomia. Entender as regras do jogo para brincar. Jogar junto. Indivíduo e coletivo num processo permanente, cíclico de socialização. Estamos reafirmando o sentido da palavra pedagogia do grego antigo, conforme dito pelo professor e filósofo Paulo Ghiraldelli no livro *O que é Pedagogia*:

Em grego antigo, paidós significa “criança” e agodé indica “condução”; aglutinadas e adaptadas ao português elas nos dão a palavra pedagogia. Na Grécia Antiga o paidagogo era o condutor da criança. No mundo grego clássico ele era aquele que guiava a criança ao local de ensino das primeiras letras e ao local da ginástica e dos exercícios físicos. Não raro, o pedagogo era um escravo ou um serviçal. (2017, p.7).

A pedagogia, ou melhor, a paideia, implica uma condução da criança. Aqui, preferimos entender a pedagogia com o cuidado com as crianças. E, por que não, com o cuidado das infâncias. O conceito que gostaríamos de defender é o de pedagogia brincante que pode significar o cuidado das infâncias para o brincar.

Para afirmarmos uma pedagogia brincante, precisamos afirmar também uma pedagogia decolonial. Buscar outras referências epistemológicas, sociais e culturais. Aprender com povos e comunidades fora do eixo hegemônico geopolítico e fora dos currículos escolares. Não é que a pedagogia brincante deva ser a única, ou a hegemônica, entretanto ela precisa ser também

considerada e inserida não só na educação infantil, mas ao longo da vida de qualquer ser humano. Decolonizar é brincar. Sem a brincadeira a vida não teria graça. Brincar é exercitar o músculo da imaginação que pode reproduzir imagens, como criar novas imagens, criar novos mundos, novas possibilidades.

As filosofias afrobrasileiras ligadas aos ensinamentos dos povos nagôs que falam a língua iorubá, as tradições bantas, angolanas e de queto com forte influência nas religiões como o candomblé e umbanda podem ajudar a pensar em outras formas de educar com base na ancestralidade. Pluralizar as perspectivas em torno da filosofia, da educação conforme disse Wanderson Flor (2020, p. 109). Mais que colocar perspectivas decoloniais, filosofias africanas nos currículos, talvez devêssemos vivenciar a decolonidade na prática educativa. Pego de empréstimo a fala de Nei Lopes e Luiz Antonio Simas no livro *Filosofias Africanas*:

O saber ancestral africano ensina – como escreveu I. A. Akinjogbin sobre o povo Iorubá – que a vida não se divide em partes distintas, portanto o conhecimento não pode ser sempre aplicado ao uso prático; o que importa é a ciência da vida. O conhecimento livresco tem um valor formal e importado, enquanto o saber informal é adquirido pela experiência direta ou indireta. Assim, os conhecimentos livrescos são importantes, devem ser cultivados, mas não conferem sabedoria. (2020, p.40)

O ensinamento, a pedagogia devem estar associados à vida. Por isso aqui teatro, educação, jogo, brincadeira, ancestralidade são partes de um mesmo processo: a humanização. A pedagogia menina de Paulo Freire; o teatro como jogos, como brincadeira de Augusto Boal; a filosofia ubuntu, a ancestralidade africana, todas essas práxis são possibilidades de inserção da pedagogia brincante na sala de aula e da teatralidade como forma de ler o mundo antes de ler as palavras.

Vejamos agora em duas cenas essas pedagogias brincantes e meninas.

### **1.1 Cena I: Cartas a Cristina e as meninas de Paulo Freire e Augusto Boal**

Paulo Freire é provocado a escrever *Cartas a Cristina* (2020) pela sua sobrinha Cristina, após ela contar desejar que o educador escrevesse sobre a sua vida e sobre a sua infância. Queria que o mestre contasse mais sobre o seu processo de se tornar educador.

Ao fazer isso, Paulo Freire teatraliza. Teatraliza pois ele representa o menino que foi e o menino que poderia ser. Ou melhor, teatraliza a sua meninice. Mistura memórias, histórias e realidades que são elementos da brincadeira. Paulo Freire brinca de contar histórias. Brincar independe da idade. O/A menino/a de ontem não morreu na adultez. Ao contrário, permanece.

Ouvi essa frase da minha analista: “O menino de ontem ainda está aí”. E como tentamos esconder o menino/a que há em nós. Não será o contrário?

Brincar para Paulo Freire é um verbo político. Na *14ª Carta a Cristina - Educação e Democracia* do mesmo livro, o educador fala sobre o direito de brincar não importa a idade que se tenha. O brincar para o nosso autor é um direito que deve ser assegurado, é uma ato de democracia.

A luta, no Brasil, pela democracia, passa por uma série de possíveis ângulos a ser política e pedagogicamente tratados — o da justiça, sem a qual não há paz, o dos direitos humanos, o do direito à vida, que implica o de nascer, o de comer, o de dormir, o de ter saúde, o de vestir, o de chorar os mortos, o de estudar, o de trabalhar, o de ser criança, o de crer ou não, o de viver cada um e cada uma a sua sexualidade como bem lhe aprouver, o de criticar, o de discordar do discurso oficial, o de ler a palavra, **o de brincar não importa a idade que se tenha [grifo nosso]**, o de ser eticamente informado do que ocorre no nível local, no regional, no nacional e no mundial. O direito de mover-se, de ir e de vir. (2020, p. 256)

Na citação, aparece, o que queremos defender aqui também, o brincar como direito, como democracia. O brincar é político. Quem defende os espaços de brincar nas cidades, quem defende o brincar como política pública, quem defende o brincar na educação está assumindo uma postura, ou melhor, um mirante político de democracia e humanização. Ainda sobre essa questão de “brincar não importa a idade” e sobre a “busca da infância perdida que há em nós”, Walter Kohan no seu livro *Paulo Freire, mais do que nunca* vai nos falar sobre a meninice de Paulo Freire de ser e andar pelo mundo, questionando infantilmente a si mesmo, aos outros e ao seu próprio mundo, coisa que fez até o final da sua vida (KOHAN, 2020, p. 179)

Kohan cita que numa palestra sobre “Direitos humanos e uma educação libertadora”, oferecida na Universidade de São Paulo em junho de 1988, Freire faz um convite à busca da meninice.

Paulo Freire completa sua declaração de amor à infância: “Eu acho que uma das coisas melhores que eu tenho feito na minha vida, melhor do que os livros que eu escrevi, foi não deixar morrer o menino que eu não pude ser e o menino que eu fui, em mim”. É tão potente a condição infantil, a meninice, que é preciso não apenas manter viva a infância que fomos, mas também a que não pudemos ser. (KOHAN, 2020, p. 183).

Oxalá seja isso o que miramos com essa pesquisa: não deixar o menino que não fui e que fui em mim, em nós. Ademais, o menino ainda está sendo. As infâncias são e podem ser. É necessário sonhar e devanear as infâncias (Bachelard, 1988). As infâncias são dimensões do devaneio poético, do imaginário elementar, do brincar com a matéria e recriá-la.

Em *Cartas à Cristina*, há uma passagem em que Paulo Freire conta da importância da experiência da brincadeira ao brincar de bola de neve com os filhos no primeiro ano de seu exílio no Chile: “[...] fui para a rua com meus filhos ‘meninizar-me’, forma pronominal de um verbo da palavra mais infantil para dizer a infância”. (FREIRE, 2020,p.33).

Sonhar, poetizar, brincar, imaginar são potências do meninizar-se como cantou o nosso educador. Propomos aos docentes que possam meninizar-se nas aulas, como fez o menino Paulo com a bola de neve. Mais do que um como fazer, esta imagem citada por FREIRE indica uma potência da relação que podemos ter com a educação. Brincar junto é aprender- ensinando e ensinar-aprendendo junto.

É também desse direito de brincar não importa a idade que o teatrólogo Augusto Boal (1998) vai dizer sobre a necessidade de desmecanizarmos os corpos na escola, apontando para a importância de ativar os sentidos.

Na primeira categoria, procuramos diminuir a distância entre sentir e tocar; na segunda categoria, entre escutar e ouvir; na terceira, tentamos desenvolver os vários sentidos ao mesmo tempo; na quarta, tentamos ver tudo aquilo que olhamos. Finalmente, os sentidos têm também memória, e nós vamos trabalhar para despertá-la (BOAL, 2008, p. 89).

Brincar envolve usar o corpo todo e ativar os sentidos. Assim fez FREIRE com a bola de neve e essa experiência sensorial despertar as memórias. O corpo tem memória. BOAL entende que o cotidiano vai nos afastar do sentir e o nosso corpo acaba ficando mecanizado nas aulas da escola ou no dia-a-dia. Nosso autor parece denunciar que o corpo mecanizado é político, pois afasta a brincadeira do processo educativo. Para brincar, precisamos trabalhar também o sentir na educação; ou melhor, os pensamentos simbólicos e sensíveis. Sem a brincadeira, a infância se perde. Os jogos teatrais e as suas brincadeiras – o teatro como junção de todas as artes – podem oferecer ao processo educativo a potencialização do sentir na educação. Não que isso já não seja feito nas aulas de artes nas escolas, mas - o que defendemos aqui - que precisa estar presente na relação aprender-ensinando e ensinar-aprendendo.

Boal (2008) adverte que “o teatro é a capacidade dos seres humanos (ausente nos animais) de se observarem a si mesmos em ação” (p. xiv). E este ato é coletivo, é feito em roda, é brincadeira como a capoeira, como a ciranda, como o jongo. Por isso, escolhemos o teatro como ferramenta potente para inserir as brincadeiras nas aulas. Infanciarizar é teatralizar, é brincar. Toda brincadeira é teatralização.

Sobre isso, podemos ver em Slade (1978), que o jogo dramático é um comportamento real dos seres humanos que se manifesta na infância da idade da criança e que nós chamamos de teatro. Portanto, podemos dizer que o jogo dramático que estamos investigando com Boal é a brincadeira de representar o jogo.

O Jogo Dramático Infantil é uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade inventada por alguém, mas sim o comportamento real dos seres humanos.  
(...)

Ao pensarmos a forma de arte do Jogo Dramático Infantil é preciso que nós, como adultos, tomemos em consideração a diferença entre o que a criança faz na realidade e o que nós sabemos e entendemos por teatro; e porque a raiz do jogo dramático é a brincadeira de representar o jogo, é com o "Jogo" que devemos nos preocupar primordial e primeiramente. (Pág. 8)

Como alerta Slade, não devemos nos preocupar tanto com o teatro como resultado, mas com os jogos teatrais e as suas relações. A brincadeira de representar o jogo, de fazer de conta, de se colocar no lugar do do outro.

Boal no seu livro *Arco-íris do Desejo*, fala também do jogo teatral como uma invenção humana e como o Teatro do Oprimido pode contribuir para o resgate da infância que há em todos nós crianças, jovens e adultos.

O Teatro do Oprimido é um sistema de exercícios físicos, jogos estéticos, técnicas de imagens e improvisações especiais, que tem por objetivo resgatar, desenvolver e redimensionar essa vocação humana, tornando a atividade teatral um instrumento eficaz na compreensão e nas soluções para problemas sociais e interpessoais. O Teatro do Oprimido desenvolve-se em três vertentes principais: educativa, social e terapêutica. (Boal, 1996, p. 28-29).

Se pensarmos que o brincar e a brincadeira são fundamentais no processo de socialização primária e secundária de qualquer indivíduo, podemos entender como o Teatro do Oprimido está afinado com a pedagogia brincante. O jogo teatral coloca-nos no mundo da brincadeira, do fazer de conta, de inventar e reinventar o mundo. O jogo teatral como brincadeira é etnografia de como o ser humano precisa brincar e teatralizar para viver melhor.

O filósofo francês Gaston Bachelard cita uma frase de Schopenhauer no livro *A Poética do Espaço*: “o mundo é a minha imaginação” (1996, p. 295). E continua na mesma citação:

melhor o mundo na medida em que eu seja hábil em miniaturizar-lo. Mas, fazendo isso, é preciso compreender que na miniatura os valores se condensam e se enriquecem. Não basta uma dialética platônica do grande e do pequeno para conhecer as virtudes dinâmicas da miniatura. É preciso ultrapassar a lógica para viver o que há de grande no pequeno. (Ibid.p. 295)

O jogo teatral e as brincadeiras são, como disse Bachelard, dimensões da imaginação do grande no pequeno. O mundo das infâncias é miniaturizado para que possamos ver o grande no pequeno. O grande e o pequeno não são uma coisa ou outra ao modo da dialética platônico e da lógica dualista, são interseções. O teatro e o brinquedo são também a miniatura do mundo. Assim como falamos sobre a infância que há na adultez, falamos do grande que há no pequeno e no pequeno que pode haver no grande. Para entendermos essa dinâmica, precisamos de uma lógica da imaginação, ou se preferirem, uma lógica simbólica. As brincadeiras e o jogo teatral propostos pelo Teatro do Oprimido também possuem, portanto, um elemento terapêutico e social. No livro *Estética do Oprimido*, Boal diz:

Brincadeiras são aprendizado, relacionando forma com outra forma, volume com volume, palavra com pessoa, objeto com distância e espaço, cor com emoção, som com algo que vai acontecer. Se a palavra, pessoa, som, coisa ou cor evocam alegria, ela ri: se tristeza ou medo, chora. Esta é a etapa da criação de conjuntos e estruturas, como o cãozinho que saliva ouvindo a campainha que anuncia a chegada da comida (sinestesia). Nesta sequência cumulativa – perceber o mundo, associar-se a ele e transformá-lo – estes são os primeiros contatos da criança com o mundo: contatos estéticos, organizadores de sensações às quais atribui valores e qualidades, através das quais realiza desejos, foge do perigo e se integra ao mundo físico e social. Esta forma de pensar sem palavras e de se relacionar com o mundo é uma forma estética de conhecê-lo. As linguagens estéticas – música, pintura, dança etc. – são cognitivas, isto é, em si mesmas, são conhecimento. As linguagens simbólicas – línguas: português, espanhol, inglês, francês, esperanto, e as línguas regionais de surdos-mudos, gestos convencionados etc. – são informativas: transportam conhecimento. A maneira de fazê-lo, no entanto, é cognitiva. Na vida adulta e cidadã temos que fazer o que fazíamos, crianças, em outro nível, outras necessidades. Para isso temos que dominar e usar todas as línguas que possamos escrever e ler; temos que revitalizar nosso Pensamento Sensível através de todas linguagens sensoriais que formos capazes de dominar. Noética e Estética guiadas pela Ética! (BOAL,2009, p.62).

Quando BOAL diz que: “... Na vida adulta e cidadã temos que fazer o que fazíamos, crianças, em outro nível, outras necessidades”. É importante perceber que ele diz que temos que fazer o que fazíamos enquanto crianças;ou seja, temos que continuar brincando só que de outra forma. O mundo da brincadeira e do brinquedo é o do mundo como miniatura. Uma forma de pensar sem palavras, uma relação estética com o mundo desenvolvida desde a tenra infância.

Ao longo do livro *Estética do Oprimido*, último livro escrito pelo nosso teatrólogo, será feita uma distinção sobre duas formas de pensamento: o simbólico (palavras) e o sensível (som e imagem). Diz que precisamos repudiar a ideia de que somente com palavras podemos pensar, pois pensamos também com sons e imagens, ainda que não sejamos totalmente conscientes disso e que, muitas das vezes, apresentam-se de forma inconsciente. (BOAL, 2009). Ainda no mesmo livro na página 29, fala que o pensar é organizar conhecimento e transformá-lo em ação. O jogo teatral (que para ser desenvolvido, bebe também das outras artes) pode oferecer a possibilidade de colocar os conhecimentos aprendidos na escola em diversas matérias em ação.

Em filosofia, podemos representar conceitos colocados em vários contextos, por exemplo. Podemos ver essa estratégia no artigo “Corpo: possibilidades para pensar e ensinar filosofia. O philodrama como experiência de formação “ da também nefiana como eu Giovânia Costa com o seu conceito de Philodrama (COSTA, 2008) que usa os jogos teatrais e as transposições de textualidades para compreender conceitos filosóficos com estudantes de Ensino Médio ou com a dissertação *O teatro do oprimido como exercício de resistência Através das aulas de filosofia na escola* de Andreia da Costa Maciel (MACIEL, 2017) onde analisa o Teatro do Oprimido, associado às aulas de filosofia nas escolas, pode ser concebido como uma forma de resistência ao conceito de poder disciplinar, a partir de sua concepção na filosofia de

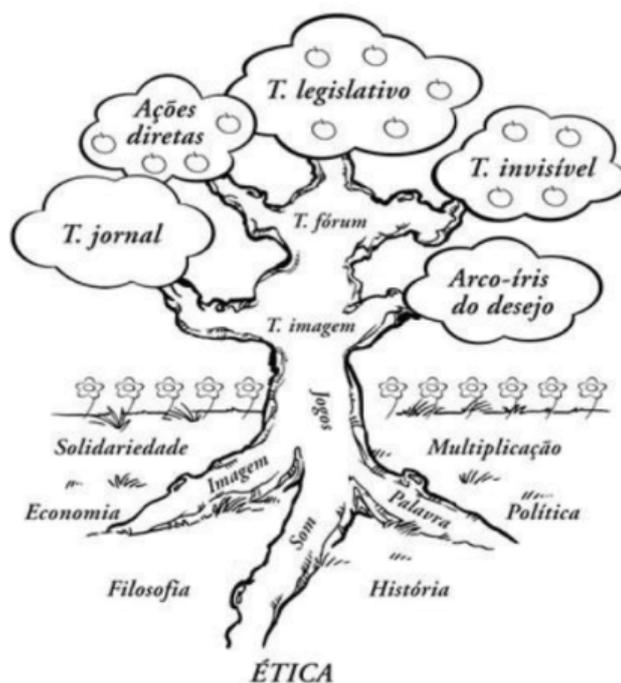
Michel Foucault. Aqui focaremos mais de como o jogo teatral pode ser mais uma ferramenta para o que chamamos de uma pedagogia brincante que resgate a infância que há em nós nas aulas não só de Filosofia, mas também das outras disciplinas e em projetos interdisciplinares no processo educativo com auxílio dos mestres Paulo Freire e Augusto Boal. Como o educador e o educando podem ser afetados por uma pedagogia brincante na investigação e na criação de conhecimentos, usando a potencialidade dos pensamentos sensíveis e simbólicos. Vamos entender agora, como as técnicas do Teatro do Oprimido podem nos ajudar neste intento.

O Teatro do Oprimido de Boal é composto por diversas técnicas que foram desenvolvidas desde 1974, quando Boal começou a fazer a sistematização delas. O Teatro do Oprimido é composto por diversas técnicas teatrais que se iniciam com a noção de jogo, onde todos e todas, atores/atrizes e EspectAtores experimentam a brincadeira para a desmecanização dos seus corpos.

Essa diversidade não é feita de técnicas isoladas, independentes, mas guardam estreita relação entre si, e têm a mesma origem no solo fértil da ética e da política, da história e da filosofia, onde a nossa árvore vai buscar a sua nutriente seiva. (BOAL, 2019, p.13).

Figura 1 - Árvore do Teatro do Oprimido

#### ÁRVORE DO TEATRO DO OPRIMIDO



Na imagem, vemos a **Árvore do Teatro do Oprimido** que expressa a proposta teatral e política do Teatro do Oprimido. A multiplicação e a solidariedade reproduzem a potência das sementes que foram plantadas no solo. No tronco das árvores, surgem os jogos que reúnem as

características fundamentais da vida em sociedade, por possuírem regras, mas também necessitarem da liberdade criativa para o seu desenvolvimento e desmecanização dos corpos. Dos jogos, nasce a técnica do teatro imagem que produz os galhos do teatro jornal e do arco-íris do desejo. Do teatro imagem cresce outro tronco: o do teatro fórum que se ramifica em galhos como as ações diretas, o teatro invisível e o teatro fórum.

Seguem algumas técnicas do arsenal do Teatro do Oprimido sintetizadas no livro *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*. (2019, p. 15-17):

- a) **Teatro Fórum** – Uma cena de opressão é apresentada para os EspectAtores que puderam propor modificação da cena e/ou entrar em cena no lugar dos outros atores/atrizes.
- b) **Ações Diretas** – teatralizar ações de protesto e de rua.
- c) **Teatro Legislativo** – procedimentos que misturam técnicas do teatro fórum e rituais de um Câmara ou Assembleia, com o objetivo de se chegar à formulação de projetos de lei.
- d) **Teatro Invisível** – Realização de cenas de opressão em um lugar público sem que as pessoas na rua saibam inicialmente que se trata de uma cena teatral.
- e) **Teatro Imagem** – Dispensando o uso da palavra, o ator/atriz espectador criará imagens acerca de um tema com o uso do corpo, fisionomia, objetos por exemplo.
- f) **Teatro Jornal** – Teatralização de notícias que circulam na imprensa a fim de desmitificá-las e mostrar um outro lado da história.
- g) **Arco-íris do Desejo** – Técnicas e jogos trabalhados a fim de desnudar as opressões introspectivas.
- h) **Jogos** – Jogos de sensibilização e desmecanização corporal a fim de despertar os sentidos e a imaginação de atores/atrizes EspectAtores.

Assim diz BOAL:

Estendendo-se além das fronteiras habituais do teatro, nosso novo projeto, *A estética do oprimido*, busca devolver, aos que a praticam, a sua capacidade perceber o mundo através de todas as artes e não apenas do teatro, centralizado esse processo na palavra (todos devem escrever poemas e narrativas); no som (invenção de novos instrumentos e novos sons); imagem (pintura, escultura e fotografia). Cada folha dessa Árvore dela faz parte indissolúvel até alcançar as raízes e a terra. (Boal, 2019, p. 3)

A imagem da árvore parece unir tanto o teatro de BOAL e a pedagogia de FREIRE. Em simbiose, podem oferecer ao docente (arteeducador) uma ferramenta didática potente nos processos educativos. Também podemos dizer que a árvore é elemento de sabedoria tanto para

os povos guaranis quanto para os povos iorubás. A árvore aqui oferece a dimensão de uma pedagogia brincante, a casa da árvore da infância. Como bem disse o filósofo Gaston Bachelard, “a casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico” (Bachelard, 1996, p. 62). O teatro como miniatura como falamos anteriormente. A árvore é a memória, a imaginação, a expressão da infância. Assim como a imagem da árvore é essencial para compreendermos o Teatro do Oprimido, a mesma também é essencial para entendermos onde queria chegar a pedagogia menina de Paulo Freire: “Quantas vezes, à sombra das árvores da casa em que nasci e que deixara para ir morar em Jaboatão, eu os ouvi falando, mesmo que nem sempre tudo entendesse, da necessidade que o país tinha de mudar”. (Freire, 2020, p. 91).

Paulo Freire em *Cartas a Cristina* também fala da brincadeira e do jogo teatral do teatro popular ao citar a sua experiência no Movimento de Cultura Popular (MCP), do qual o nosso autor fez parte à convite do então prefeito de Recife Miguel Arraes em 1960.

Há uma importância especial em tudo ou quase tudo o que se fez no pouco tempo de existência do movimento. Já falei, por exemplo, da valoração das festas populares que enchiam de gente simples o Arraial do Bom Jesus ou sítio Trindade, como é também conhecido, para dançar, para cantar, para brincar, para ser. Já me referi às experiências artísticas de Abelardo da Hora, para quem o gosto da boniteza, que precisa ser desafiado, trabalhado, não é, porém, propriedade de uns poucos. Gostaria, nesta linha, de sublinhar as Praças de Cultura, projeto coordenado pelo prof. Paulo Rosas; a educação popular de crianças e adolescentes, sob a responsabilidade de Anita Paes Barreto, notável psicóloga que se alonga em não menos notável educadora; o teatro popular, coordenado por Luiz Mendonça e porque passou Ariano Suassuna. (Freire, 2020, p. 214-215).

Por isso, defendemos aqui que BOAL e FREIRE falam das suas meninices na fase adulta. Nas suas propostas pedagógicas, tentam resgatar o conceito de infância, de brincadeira e de jogo para além da idade. E por falar em brincadeira, o que afinal é brincar? Dialogando com outros importantes autores da filosofia da educação e da psicologia do desenvolvimento, vamos aumentar os personagens da nossa cena. Para dialogar, entram em cena Lev Vygotsky e, novamente, Gaston Bachelard, pois ambos buscam romper com a concepção linear e positivista de linguagem - assim como Augusto Boal e Paulo Freire - muito em voga na formação de docentes. Essa ruptura é marcada por uma educação político-estética, cuja construção do ser humano é entendida como simbólica e construída coletivamente na interação, na troca com o outro e com a cultura. O pensamento é sensível e simbólico (BOAL, 2018) e, por isso, dizemos aqui que Vygotsky e Bachelard apresentam contribuições sobre o brincar que parecem estar em simbiose com a práxis de Boal e Freire no pensamento como um ato de sonhar, devanear, imaginar, brincar e jogar com a realidade a fim de ressignificá-la ou transmutá-la.

Bachelard diz que uma infância potencial habita em nós (1988, p. 94):

(...) Toda a nossa infância está por ser reimaginada. Ao reimaginá-la, temos a possibilidade de reencontrá-la na própria vida dos nossos devaneios de criança solitária.

(...) reconhecer a permanência, na alma humana, de um núcleo de infância, uma infância imóvel mas sempre viva, fora da história, oculta para os outros, disfarçada em história quando a contamos, mas que só tem um ser real nos seus instantes de iluminação - ou seja, nos instantes de sua existência poética.

Bachelard, assim como Freire em *Cartas à Cristina* (exposto acima), anuncia que há uma criança que ainda habita em nós, independentemente da idade que se tenha, dizendo: “Em todo sonhador vive uma criança, uma criança que o devaneio magnífica, estabiliza. Ele a arranca à história, coloca-a fora do tempo, torna-a estranha ao tempo. Um devaneio mais e eis que essa criança permanente, magnificada, se faz deus”. (1988, p.129)

Kishimoto também canta a criança que há em nós ao comentar a obra de Bachelard (2010, p. 21):

Bachelard, em *A poética do devaneio* (1988, p. 93-137), nos mostra que há sempre uma criança em todo adulto, que o devaneio sobre a infância é um retorno à infância pela memória e imaginação. A poesia é o estimulante que permite esse devaneio, essa abertura para o mundo, para o cósmico, que se manifesta no momento da solidão. Há em nós uma infância repesada que emerge quando algumas imagens nos tocam. Bachelard considera as imagens que sobrevêm da infância como resultado de dois elementos: a memória e a imaginação.

Se em todo sonhador vive uma criança como cantou Bachelard, dizemos que Boal e Freire, sonhadores de carteirinha, nunca deixaram as suas crianças (infâncias) morrerem. Sonhar é infanciarizar.

Memória e imaginação. Imagens a serem reproduzidas, criadas, reinventadas. Imagens que são socioculturadas com o mundo, porém podendo ser imagens transfiguradas, transmutadas e ensaios de transformação desse mesmo mundo. É na memória e na imaginação, que o brincar, o brinquedo e o jogo entram em relação pedagógica, poética e política com os outros e com a cultura do ser humano. Desenvolver a memória e a imaginação é desenvolver a linguagem e o brincar é entendido como uma atividade humana criadora. Como afirma Vygotsky:

“O brincar é fonte de desenvolvimento e de aprendizagem, constituindo uma atividade que impulsiona o desenvolvimento, pois a criança se comporta de forma mais avançada do que na vida cotidiana, exercendo papéis e desenvolvendo ações que mobilizam novos conhecimentos, habilidades e processos de desenvolvimento e de aprendizagem”. (1998, p.81)

Um dos principais representantes dessa visão, o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e/ou adultos. Tal concepção se afasta da visão predominante da brincadeira como atividade restrita à

assimilação de códigos e papéis sociais e culturais, cuja função principal seria facilitar o processo de socialização da criança e a sua integração à sociedade. (1998, p. 91)

Para Vygotsky, não existe diferença semântica entre jogo e brincadeira, pois ambas designam atividade lúdica. Como afirma no trecho destacado, faz parte da atividade humana criadora em que imaginação, infância e realidade interagem. Compartilhamos aqui da mesma visão. Veremos agora os significados atribuídos às palavras substantivas Jogo e Brincadeira e os verbos jogar e brincar, segundo o dicionário *Michaelis Online*:

**JOGO - 1** Qualquer atividade recreativa que tem por finalidade entreter, divertir ou distrair; brincadeira, entretenimento, folguedo.**2** Divertimento ou exercício de crianças em que elas demonstram sua habilidade, destreza ou astúcia.**3** Essa atividade, quando diferentes indivíduos ou grupos de indivíduos se submetem a competições em que um conjunto de regras determina quem ganha ou perde.**4** Competição ou passatempo desse tipo, em que de ordinário se arrisca dinheiro ou qualquer outra espécie de bem: *Perdeu tudo no jogo.***5** Combinação de números em cédula adquirida por um apostador, habilitando-o a receber o prêmio que eventualmente venha a lhe caber no sorteio de uma loteria ou rifa; aposta: *Passei pela casa lotérica e fiz meu jogo semanal.***6** Conjunto de regras a ser observadas quando se joga.**7** A coisa ou quantia que se aposta em um jogo ou a cada rodada completa.**8** Equipamento (cartas ou peças) necessário para jogar: *Ganhou um jogo de damas do namorado. Não se esqueçam de pôr os jogos das crianças no carro.***9** Cartas ou peças distribuídas a cada parceiro, e com as quais ele deve jogar.**10** Estilo ou maneira de jogar: *O tenista aperfeiçoou seu jogo ao longo de anos de prática.***11** Disposição, estado ou valor das cartas ou peças do jogo.**12** O vício de jogar: *Consome-se no jogo enquanto a família passa fome.***13** Cada uma das partidas em que se divide um certame.**14** FIG Normas, preceitos ou convenções estipulados para reger situações específicas: *No submundo não há como transgredir as regras do jogo. As regras do jogo político são extremamente maleáveis.***15** PEJ Comportamento evasivo, ambíguo ou manipulador: *Prefiro uma resposta direta; basta desses seus jogos cansativos.***16** PEJ Estratégia ou abordagem calculada; esquema: *Perceber o jogo deles desde o início.***17** Percorso que depende do acaso ou das circunstâncias; capricho, inconstância, volubilidade: *Os jogos do destino regem nossa existência.***18** TECN Movimento das peças de um mecanismo.**19** TECN Espaço livre entre duas peças (*p ex*, entre eixo e mancal ou êmbolo e cilindro); folga, interstício.**20** TECN Conjunto ou série de peças, da mesma espécie, que fazem parte de um mesmo mecanismo, máquina etc.: *O jogo de pesos de uma balança.***21** Em carruagens ou veículos semelhantes, cada uma das duas partes da armação a que pertence um eixo: *O jogo traseiro de um carro.***22** NÁUT Movimento longitudinal ou transversal de uma embarcação, causado pela ondulação das águas; balanço do navio de um a outro bordo.**23** MÚS Modo como um artista utiliza os recursos técnicos oferecidos por seu instrumento: *O jogo da pedaleira no órgão.***24** Modo como se movimenta um instrumento ou uma arma; manejo, manobra, manuseio.**25** MAT Modelo de uma situação competitiva que identifica as partes interessadas e estipula as regras que regem todos os aspectos da competição; é empregado na teoria dos jogos para determinar o melhor curso de ação para uma parte interessada.

**JOGAR - 1** Arriscar (algo) em jogo (de azar): *Jogou todo o ordenado.***2** Fazer apostas em jogo (de azar); apostar, arriscar, aventurar: *Joga no bicho e não passa sem jogar. Jogou uma fortuna na loteria federal.***3** Entregar-se ao jogo: *Os três amigos jogam bilhar diariamente. Jogarás, e as consequências te levarão à fome e ao roubo.***4** Entreter-se num jogo qualquer: *O hoteleiro gostava de jogar com os viajantes. Todas as noites jogamos, mas nunca a dinheiro.***5** Manejar com destreza; esgrimir, floretear: *Joga a espada como exímio espadachim.***6** Atirar com força; arremessar, arrojado, disparar: *Jogar o laço. Jogava ao adversário certas lançadas.***7** Lançar-se (de um lugar mais alto); arremessar-se, atirar-se: *Jogou-se ao chão. Jogou-se contra o adversário. Jogou-se na água.***8** NÁUT Mover-se (a embarcação) devido ao movimento das ondas; balançar, oscilar: *Sentiram-se mal assim que o barco começou a jogar.***9** Mover(-se) de um lado para outro; oscilar: *Ela jogava os braços enquanto corria. Esses ultraleves jogam demais.***10** Apoiar(-se) em fundamentos, princípios,

elementos etc.; escorar(-se), fundamentar(-se), respaldar(-se): *Joga com bons argumentos.* **11** Estar em proporção ou harmonia; dizer bem; ajustar, casar, combinar: *A cor das paredes não joga bem com o estofado dos móveis. Jogar a forma com o conteúdo.* **12** Dar primazia ou preferência a; escolher; querer antes; apostar, optar: *Esses investidores jogam mais no risco do que na certeza.* **13** Usar com talento, arte ou habilidade; escorar-se, valer-se: *Jogar com as cores. Jogar com as tonalidades certas.* **14** Praticar (algum tipo de esporte): *Jogar futebol. Os ídolos dos torcedores brasileiros jogaram mal desta vez.* **15** Divertir-se com algum tipo de jogo; entreter(-se), folgar, recrear(-se): *Jogar cartas. Participam de concursos de xadrez e jogam horas a fio.*

**BRINCADEIRA** - 1 Ato ou efeito de brincar: As brincadeiras de criança deixam saudade. **2** Divertimento, em particular entre crianças; brinco, entretenimento, recreação, recreio: “Acho que estou meio velho para continuar essa brincadeira de adivinhação. Meu mau humor de morcego me obriga cada vez mais a buscar o “sim” e o “não” precisos, deixando um pouco de lado os ‘talvez’ da vida” (EZ). **3** Manifestação intencional, por meio do riso ou da ironia, com que se tenta expor alguém a gracejos ou ao ridículo; chacota, galhofa, gozação: Perguntei-lhe em público se usava peruca e ela detestou a brincadeira. **4** Ato irrefletido ou exibicionista que termina por prejudicar quem o pratica: Custou-lhe caro a brincadeira de imitar acrobatas. **5** Coisa que requer pouco esforço por ser fácil de entender e/ou resolver; moleza: Esta parte do trabalho vai ser brincadeira. Seu problema é brincadeira; pense que poderia ser bem pior. **6** COLOQ Reunião social informal, improvisada: Vamos fazer uma brincadeira lá em casa hoje? **7** Folia carnavalesca: Passa todos os carnavais bem longe da brincadeira. **8** COLOQ Relação sexual; transa, transação: O safado decidiu tentar uma brincadeira com a vizinha e conseguiu. **9** Inconveniência que tem, geralmente, um caráter sensual: “E daí a pouco ficavam as moças muito surpreendidas quando o demônio do menino lhes saltava ao colo e principiava a beijar-lhes sofregamente o pescoço e os cabelos ou a meter-lhes a língua pelos ouvidos. – Credo! disse uma delas em situação idêntica. – Que menino! Vá para longe com as suas brincadeiras!” (AA2).

**BRINCAR** - 1 Divertir-se com jogos infantis; entreter-se com objetos ou atividades lúdicas; simular situações da vida real; distrair-se, folgar, recrear-se: “Como sem motivo, lembrou-se de que em pequena brincava de tentar não se mover, como todas as crianças que já o esqueceram; ficava quieta, suportando; os instantes latejavam no corpo tenso, mais um, mais um, mais um” (CL). *Lembra-se de quando brincávamos de cabra-cega? Gostava de brincar com soldadinhos de chumbo. Passavam horas brincando de médico e enfermeira. Os banhistas brincavam alegremente. Como está sempre de bem com a vida, vive brincando.* **2** Manusear alguma coisa distraidamente, para ocupar-se ou por compulsão: *Ela não para de brincar com as teclas da calculadora. Enquanto esperava, brincou com o isqueiro até quebrá-lo.* **3** Dizer em tom de brincadeira; não falar a sério; gracejar, troçar: *Não brinque com sua avó; ela não gosta. Todos da família têm mania de brincar. Vá desamarrando essa cara, pois estou só brincando!* **4** Divertir-se, fingindo exercer uma atividade: *Brincar de ler. Vamos brincar de cozinhar?* **5** Fazer zombaria; achincalhar, debochar, escarnecer: “*Aquele é que devia ser o patrão, diziam. É um homem sério e destemido! Com aquele ninguém brinca!*” **6** Agitar-se com movimentos graciosos: *As ondas como que brincavam.* **7** Mover-se livremente; agitar-se, tremelicar, tremer: *Seus longos cabelos brincavam ao vento.* **8** Agir de modo negligente ou leviano: *Ela brincou todo o tempo com os meus sentimentos. Você está brincando quando diz que a ama. Não devia fazer isso.* **9** P US Enfeitar excessivamente; adornar, embonecar, emperiquitar: *Brincou suas vestes e seu penteado para ir ao teatro.* **10** Apresentar-se à vista; evidenciar-se, exhibir-se, manifestar-se: *Um sorriso indefinido brincava-lhe nos lábios.* **11** Participar dos folguedos de carnaval: *Brincaram o carnaval em Olinda. Estamos tão endividados que nem vamos brincar no carnaval este ano. Brinca sempre sozinho e com a mesma fantasia.* **12** Ter relações sexuais; fazer sexo, transar: *O rapaz brincou com várias mulheres durante o carnaval. Hoje está bem mais fácil brincar sem um comprometimento maior.*

Na definição de brincar (1) temos também o conceito de jogos infantis. Na definição de jogo (1) temos a ideia de atividade recreativa, brincadeira. Seja substantivo ou verbo, as expressões do jogo e da brincadeira são múltiplas,diversas, culturais e em disputa de sentido. Podendo ter um sentido, vários sentidos. Denotativos, conotativos. Não serão também as ideias de infância, infâncias? infantil? Criança?

O jogo,hoje, é apontado como um recurso pedagógico que proporciona o desenvolvimento e aprendizagens específicas em determinadas áreas. A esse respeito Vigotsky, atesta que: Na situação de brincadeira, a criança imita papéis exercidos pelos alunos e ensaia futuros papéis e valores, levando a criança a desenvolver a motivação, as habilidades e as atitudes que serão necessárias para a sua participação social (Vigotsky, 1998, p. 143)

Compreendendo a brincadeira como um termo sinônimo ao jogo, atribuindo-lhe o sentido abrangente empregado em outras línguas (to play, spielen, jouer, jugar).O brincar e o jogar são atos indispensáveis à saúde física, emocional e intelectual. Queremos aqui explorar a potência dos jogos e das brincadeiras como possibilidade, como exercício da memória e da imaginação, como um ato de liberdade. Com nove anos de idade, Boal (2000) - conta na sua autobiografia *Hamlet e o filho do padeiro: memórias imaginadas* - jogava, brincava de fazer teatro estreando suas peças para os seus familiares no quintal da sua casa no bairro da Penha, Rio de Janeiro. Ainda criança, Paulo Freire em Jaboatão, Pernambuco (2020) brincava no quintal ao pé da árvore onde fazia do chão de terra a sua sala de aula, onde jogava com as palavras e com o mundo. O galho da árvore era o seu lápis e o chão o seu quadro.

Tanto Boal quanto Freire estão preocupados com uma infância oprimida. Opressão vivida tanto do ponto de vista do direito da criança quanto do ponto de vista do adulto que se esquece de sua infância. Estes conceitos são basilares para entendermos a importância do brincar na educação e que a brincadeira pode fazer parte da didática e da pedagógica na sala de aula de educadores, educadoras e educandos. Memórias de uma infância sofrida, mas também memórias de infâncias imaginadas.

## **1.2 Cena II: Pedagogia decolonial, Pedagogia brincante**

Aqui pretendemos ir além das concepções de brincar e de infância presentes nas pedagogias de Paulo Freire e de Augusto Boal, Vamos investigar e dialogar com uma nova concepção de infância. Ou melhor, de infâncias. Para isso, precisamos resgatar um pouco de nossa ancestralidade. Vamos ancorar as nossas ideias em autores afrobrasileiros influenciados pela filosofia africana. Usaremos o conceito de afroperspectiva para delinear a proposta de que

uma educação brincante precisa levar em consideração uma pedagogia decolonial. É mister compreender o conceito de ancestralidade para afirmarmos a pedagogia decolonial e brincante.

Diz Ifá que o novo que não vem do velho e o velho que não vira novo sucumbirão ao mais duro dos aniquilamentos: o esquecimento. Suas histórias não farão nenhum sentido e não mais serão lembradas pelas mulheres, pelos homens e crianças. Ser lembrado, para os Iorubás, é permanecer vivo. (2020, p.67)

O brincar é carregado de ancestralidade. Assim sendo, a afroperspectividade é a abordagem filosófica (NOGUERA, 2011; 2014; 2015) que guia nossa fundamentação em favor da infancialização como um princípio ético e ancestral. A expressão afroperspectividade é herdeira de um debate a respeito da inclusão de vozes africanas e ameríndias nas áreas de filosofia e educação.

Dentre as leituras e referências que delineiam o surgimento da abordagem afroperspectivista podemos destacar, a antropóloga guarani nhandeva Sandra Benites; a antropóloga branca Tânia Stolze Lima; a socióloga nigeriana Oyeronke Oyewumi; o filósofo quilombola Antônio Bispo dos Santos; o xamã e filósofo yanomami Davi Kopenawa; o pan-africanista e sistematizador Molefi Asante; o cientista social e ativista negro Abdias do Nascimento; o antropólogo branco brasileiro Eduardo Viveiros de Castro e os pensadores brancos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari. (NOGUERA, 2018, p. 627-628)

As diversas referências citadas por Noguera dão caldo teórico para o importante debate da afroperspectiva na academia e na escola. A afroperspectiva contribui para o debate sobre a educação brincante. Ao invés de usarmos o termo infância, vamos usar o verbo usado por NOGUERA (2016) “infancializar” que ressalta outros sentidos linguísticos para a palavra infância. Pois as tradições afroameríndias usam outras palavras e significados para o conceito de infância que na nossa tradição significa ausência de fala. Vejamos o sentido africano primeiro.

partir de estudos da pensadora africana Zamantuli Scaraffiotti, a palavra “ubuntwana” significa infância e “umntwana” quer dizer criança. O que chama atenção é que infância está inscrita numa hipótese que se justifica a partir do conceito de ubuntu. A princípio, ubuntwana (infância) é formada por um tipo de aglutinação entre “ubuntu” e a palavra “twana”. Essa articulação ubuntu + twana é bem distinta do sentido ocidental baseado na língua latina, in + fanti. Neste último caso, “in” é um prefixo de negação e “fanti” nos remete ao verbo falar e à variante falante. Ora infância significa nesse contexto “ausência de fala”. Contudo, em xhosa “twana” remete para uma relação de afeto, paixão, uma inclinação enamorada e de onde o sentido de infância em xhosa remeteria para afeto enamorado pela humanidade, o que difere de amor incondicional e irrestrito. Outra versão sobre a palavra infância em xhosa, ubuntwana, está na aglutinação de ubuntu, ou ainda do primeiro radical do termo “ubu” (ser) com “ntwana” (infância propriamente dita).

Neste sentido, a infância (ubuntwana) pode ser interpretada como um elo de ligação entre a ancestralidade, futuridade e viventes. Por ser justamente a presença do passado e do futuro na emergência do presente. Em outras palavras, ubuntwana é a afirmação que, para além dos cinco sentidos (visão, olfato, tato, paladar e audição), existe outro (sentido) que chamamos de infância. Um sentido que estaria mais aguçado nas crianças, mas que não é perdido pelos adultos. Infancializar é ativar a infância em adultos, tornando viável a percepção de que as ações éticas e políticas precisam levar em conta quem já esteve aqui (ancestralidade) e quem estará (futuridade), além das

pessoas que estão vivas na atualidade. Ubuntuwana é assumir a infância como um sentido que propicia que encaremos a realidade como um território de contínua produção, instável e passível de reformulações e ressignificações. Por fim, ubuntuwana remete, no contexto da filosofia ubuntu, a compreender a infância e, ao mesmo tempo, as crianças como inventoras de novos mundos. (2016, p.630 - 632)

Noguera, apoiado em Scaffiotti, apresenta uma diferenciação importante entre *infanti* e *ubuntuwana*. *Infanti* apresenta a infância como sem voz e *ubuntuwana* coloca a infância no lugar do afeto, da ancestralidade, da futuridade expressão do novo mundo que irá ser inventado, da relação com a humanidade, com os viventes. Como diz Noguera “ Por ser justamente a presença do passado e do futuro na emergência do presente”. O futuro não é entendido no sentido ocidental de algo que não aconteceu mas no sentido de que o presente pode ser recriado e reinventado. O futuro é o presente. Assim, entendemos que infanciarizar é ativar a infância em adultos, pois a infância é mais um sentido além da visão, olfato, tato, paladar e audição A infância é o sentido de ligação entre a ancestralidade, a futuridade e os viventes. O nosso conceito sobre as infâncias está muito mais próximo de *ubuntuwana* do que de *infanti*. *Ubuntuwana* é o sentido, o elo criativo e brincante que nos une à humanidade.

A tradição ubuntu de infanciarizar carrega a noção do brincante que através das tradições e da ancestralidade preserva a brincadeira e dá sentido à sua existência humana, simbolizando o seu mundo. Uma das entrevistadas do documentário TARJA BRANCA, salienta que “a grande riqueza da cultura popular reside na possibilidade de viver uma segunda infância” (2014, trecho 53:15 min.).

Wanderson Flor (2020) apresenta outra perspectiva de infância e do significado das crianças para as comunidades africanas, principalmente iorubás.

Mais do que a pressuposição de que as crianças são folhas em branco que podem ser preenchidas com o que a comunidade quiser, há a percepção de que elas são a própria expressão desse tempo passado e, portanto, carregam o dever de atualizar essas narrativas. E a memória se encarna nos corpos infantis, não apenas na forma de imagens sensoriais, mas em sons, cheiros, texturas. Os corpos sentem o que lembram. Os sujeitos lembram o que sentem.

Aqui percebemos que a oralidade, base fundamental dessa memória africana, não pode simplesmente ser reduzida à relação entre a fala e a escuta. Ela significa, antes de tudo, uma implicação dos sujeitos naquilo que se diz e naquilo que se escuta. Não apenas a palavra está em jogo na oralidade, mas a pessoa, a comunidade, a realidade. Assim, vemos que a memória é parte desse dispositivo da oralidade que provoca que o humano se verta em palavra, isto é, que a palavra seja uma parte do humano, que está sempre em jogo no que diz e no que escuta.

Como a criança é a expressão desse passado que a comunidade precisa cuidar, sua relação com a memória também precisa ser cuidada, preparada, incentivada. Não se pode pensar, nessa abordagem, que a criança esteja começando algo, mas sim continuando. E continuar significa perceber os passos que vieram antes. (FLOR,2020,p. 590)

Parece que Noguera e Flor concordam que a infância é a ancestralidade presente com vista a ser atualizada. Importante ressaltar que a filosofia ubuntu não pretende universalizar o conceito de infância. São outras perspectivas, outras formas de sentir o mundo. Temos que falar de infâncias na afroperspectiva da pluriversalidade conceito cunhado pelo filósofo africano Ramose.

A hipótese ubuntu é de que a instabilidade da vida inviabiliza as soluções simplistas e gerais. Por essa razão, não devemos procurar uma alternativa universal; mas, reconhecer que a pluriversalidade – a coexistência de visões de mundo distintas e igualmente “válidas” – é uma possibilidade que retrata melhor a experiência da vida e os conflitos que enfrentamos no mundo (RAMOSE,1999; 2010; 2011 Apud Noguera, 2016, p. 630).

A afroperspectiva convive com outras perspectivas, outros modos de sentir o mundo. Não quer ser única, hegemônica. Falamos aqui do infancializar, dos significados da infância, pois sabemos que as palavras são possibilidades, luta política de sentido. Sobre o ato de nomear na cultura Iorubá, FLOR diz:

Não sem motivos há uma grande importância no gesto de nomear uma criança para as sociedades tradicionais africanas, sobretudo as de línguas bantas e iorubá. Nomear é situar a criança em seu trajeto histórico e inseri-la na marcha que fará com que ela se conecte com a história de quem lhe antecedeu. O nome é sempre escolhido pela comunidade e se refere às expectativas que a comunidade tece sobre como a pessoa recém-chegada ocupará seu lugar na história da comunidade. Os iorubás chamam de Ikomojade ao processo de nomear as crianças, se situá-las no contexto da comunidade, com o “objetivo de identificar a existência formadora da criança” (SILVA, 2015, p. 90). Nomear uma criança é situá-la em uma ontologia relacional, reconhecendo sua pertença ao grupo e à realidade, dando seguimento a uma história que lhe precede.

Nomear as infâncias é tão fundamental quanto nomear uma criança. Não à toa, o Ubu do Ubuntwana tem significado de ser, a própria palavra é uma ontologia relacional. Afinal, queremos nomear as infâncias como infanti ou como ubuntwana? Que ontologia queremos defender quando dizemos infâncias?

Além da perspectiva afro, temos a perspectiva ameríndia sobre a infância. Usaremos aqui o conceito de Teko Porã dos guaranis. Noguera cita o pensamento de Tassinari para entendermos melhor este conceito.

Quando o assunto é infância, cabe a ressalva: “não é possível definir um modo indígena de conceber a infância, pois encontramos em populações indígenas variadas formas de tratar esse período” (TASSINARI, 2007, p.13). O que nos interessa é a infância no contexto cultural guarani de emergência do princípio filosófico e cosmológico teko porã. No contexto guarani, “há o reconhecimento da autonomia da criança, que deve ser respeitada. A criança é vista como um ser de fato, portador de um espírito que precisa ser cativado para ficar na terra” (TASSINARI, 2007, p.14). Outro aspecto importante, entre os Guaranis, as crianças estão próximas dos deuses (idem, p.18). Ora, isso tudo demarca uma compreensão da infância distinta daquela velha ideia ocidental, na qual a criança ocupa a categoria infância em contraposição ao adulto como fase referencial de completude e maturidade (apud NOGUERA, 2016, p. 632)

A expressão “teko porã” problematiza um dilema criado pelas culturas colonização: viver à parte da terra, controlando a natureza como suprassumo da própria natureza versus viver como parte da terra, convivendo com outros seres enquanto mais um ente da natureza. Teko porã existe no tronco linguístico Guarani. (ibdem)

O que a filosofia Teko Porã acrescenta para o nosso debate é a necessidade de pensarmos a educação inserida no resgate não só do brincar e da infância, mas também da relação do ser humano com a natureza. TAKUÁ (2016) diz: “Ouço muitos dizerem que a escola serve para nos tornar alguém na vida, muito pelo contrário, já somos alguém na vida, temos que usar as ferramentas escolares para nos tornarmos guerreiros. Guerreiros esses que possam compreender o Teko Porã e transformar o mundo à sua volta.”

Nogueira reconhece que a filosofia teko porã aponta na direção da afroperspectiva e na infancialização:

Nossa hipótese afroperspectivista, as crianças precisam experimentar a vivência infantil de proximidade com outros sujeitos morais não-humanos, tais como as plantas, vegetação, diversos animais de outras espécies que dividem o bioma. De modo que possam ter o que aqui denominamos de “experianças” (experiências +crianças) que são condições de possibilidade da infancialização. Em termos afroperspectivistas, especulamos que experianças remetem a abertura de dialogar com coisas animadas de outras espécies e seres inanimados. No contexto Guarani, a infância permite justamente uma politização da natureza e uma naturalização da política. (NOGUEIRA, 2016, p. 634)

Nossa tese geral é de que a educação pode ser infancializante se for organizada dentro de princípios éticos afroperspectivistas. Vale reiterar, em termos afroperspectivistas, infancializar quer dizer: experimentar a vida de uma maneira brincante que assume a instabilidade, a impermanência e o reconhecimento de que podemos experimentar o mundo e as relações com outros seres como uma forma de autoconhecimento interdependente (Ibidem, p.638)

Renato aborda a questão da experiança - palavra usada por Nogueira como possibilidade de uma nova relação com a natureza que a criança guarani nos ensina. Para a criança, a natureza não é um objeto mas é relação. Por isso, crianças não hesitam em personificar ou em falar com a natureza. Ela não está em dominação mas em relação.

Somente através da infância podemos experimentar uma compreensão plural de que a vida é uma dádiva, e, diante do presente do mundo, podemos fazer da realidade uma apoteose brincante. Uma apoteose onde a rede de conversação envolve seres humanos futuros e passados, outros viventes das mais diversas espécies e todas as coisas que compõem a natureza, inclusive seres inanimados. Trata-se de uma ética em que a condição de sujeito se estende a ancestralidade, futuridade, seres vivos não-humanos e tudo que existe. (Ibidem, p. 641)

A ética da criança é estendida a todos os seres (humanos e não-humanos, vivos e/ou mortos). O que pretendemos aqui é defender uma lógica afroperspectivista articulando os princípios ubuntu e teko porã para resgatarmos a nossa infância, para nos tornarmos educadores brincantes. Educadores que valorizam a ancestralidade de saberes.

Na mesma direção, Luiz Rufino no livro *Vence-Demanda: educação e descolonização* afirma: “Cotidianamente se faz luta com as experiências, os saberes e as tecnologias ancestrais que emanam da diversidade de jeitos de sentir, vibrar e praticar o mundo com as coisas que por ele passam.”(2021, p.7). Esta é a forma de criarmos uma pedagogia descolonial e, sobretudo, decolonial.

Como alguém que ‘supravive’[40], invoco-o para um jogo, uma vadiação, refazendo a questão a partir de um sentir/pensar capoeirista: como entrar saindo e sair entrando dessa lógica? Não para permanecer totalmente dentro nem fora, mas jogar, gingar e movimentar no dentro/fora, no fora/dentro e sucatear esse sistema. (RUFINO, 2021, p.30)

‘Jogo de dentro, jogo de fora... jogo bonito esse jogo de angola’... Peço licença a Freire para cantar seu verso à minha maneira: a educação como prática de liberdade diz sobre a emergência de reposicionar os seres não mais como oprimidos, livres da dissonância que confunde o status de dominador com alguma impressão de dignidade existencial. (Ibidem, p.31)

Aqui Rufino nos coloca na perspectiva capoeirista ao modo brasileiro de ser. Afirmamos a nossa afroperspectiva em afrobrasilidade. “Entrar saindo e sair entrando”. Gingar, jogar. Outra possível senda para educadores e educadoras brincantes. De alguma forma, defender uma pedagogia brincante é chamar o sistema educacional para jogar capoeira. É necessário muita ginga para descolonizar a perspectiva eurocentrada e dualista de subjugação dos conhecimentos afroameríndios e de dominação da natureza. É necessário muito ginga para colocar a brincadeira como modus operandi da sala de aula e não como momento do intervalo e de recreio somente. Brincadeira é ensino. Brincar também é coisa séria e um direito. Esse falamos de ginga também falamos de Exu, mestre das encruzilhadas.

Afirmamos Exu nas escolas: “O encontro de Paulo Freire com Exu é inevitável. Não há reza que desfaça essa sina. O compadre precede Freire, constitui Freire, dinamiza Freire, contradiz Freire, comunica Freire, encruza Freire..” (Ibidem). Na cultura Iorubá, dizemos que não se faz nada sem Exú. E por que não dizer Exú-mirim (Exú da meninice). Como colocar Exú nas escolas? Como descolonizar o pensamento do que significa Exú. Rufino aponta possibilidades:

Exu encarna em si o “anti/pós/des/de/contracolonial” e tudo mais o que quiserem inventar. Ele engole, regurgita e vomita, o que não quer dizer que assume uma identidade antropofágica. Seu princípio é outro, ele é a mola propulsora de tudo que existe, existiu e ainda irá existir. Exu como princípio explicativo de mundo, que versa acerca das presenças, linguagens e relações, é um radical educativo. (Ibidem)

Ora, estamos a dizer que através de vivências baseadas numa ética afroperspectivista (articulação entre princípios ubuntu e teko porã) na escola: crianças, adolescentes, adultos e idosos podem manter conexão ou se reaproximar daquilo que os torna seres biocêntricos, curiosos e criativos: a infância/ubuntwana. Uma cumplicidade cosmológica com o existir. A

escola pode primar por uma ética que não permita que as crianças deixem de habitar a infância, fazendo o mesmo com adolescentes e jovens – evitando as angústias perversas da adultidade. Óbvio que isso tudo é mais político e existencial do que psicológico. O que poderia ser resumido numa única frase-resposta, atualmente um enunciado-clichê que tem circulado intensamente nos mais diversos circuitos sociais: “quando eu crescer, quero ser infância, a mesma (infância) que fui no futuro, assim como serei criança no passado”.(Ibidem, p.642)

O brincar, o ser brincante, o infancializar para bem viver e compartilhar em harmonia com a natureza. Criar e fugir das brincadeiras prontas e dos brinquedos industrializados. David Reeks, um dos entrevistados do documentário TARJA BRANCA alerta:

Quando uma criança pensa ‘eu quero fazer um carrinho’ (...) quando ele pensa, tem esse estalo, ‘eu quero e consigo fazer’ (este) é o início do ciclo do brincar. Na sociedade onde vivemos, esse ciclo do brincar a criança só pega no final. Porque o desejo está dado pela indústria, a criação está dada pelos inventores. Os engenheiros fizeram o brinquedo, e a criança só pega o brinquedo pronto e brinca com ele, mas em seguida já quer outro. Ela não tem a coisa por completo. (TARJA BRANCA: a revolução que faltava, 2014, trecho 14:20 min.).

A noção freiriana da incompletude do ser humano (FREIRE, 1991) parece ser o cheiro que indica as texturas, os sons, as cores de uma escola que não forme, mas crie sujeitos brincantes. O brincar é o campo do inacabado, do vir a ser, do devir. Como diz um dos participantes do documentário TARJA BRANCA:

“Bola de gude, pião e papagaio e hoje eu vejo todo um... uma ciência, uma sabedoria, que tem aí. Tem a época de empinar papagaio, de brincar de bola de gude e pião, tem a ver com o vento, com a natureza. São esses ciclos maiores que a gente vive através dessas brincadeiras” (TARJA BRANCA: a revolução que faltava, 2014, trecho 5:30 min.).

## 2 SEGUNDO ATO: DIDÁTICA BRINCANTE, OS JOGOS TEATRAIS NAS AULAS

A arte de brincar

É lamentável, mas os tempos andam tão maus que as próprias crianças já não sabem mais brincar. Em dias mais tranquilos, elas gostavam de suas cantigas de roda, tinham um largo repertório, e à tardinha e à noite brincavam pelos quintais e pelas ruas, pelos jardins e pelas praças. Tinham também jogos cantados e falados, resíduos ou esboços de teatro, e com eles se entretinham, alegremente. Os brinquedos simples, primitivos e eternos, fáceis de obter e de conservar, não faltavam nem mesmo às mais pobres; e quase se podia saber em que mês se estava pelo aparecimento dos papagaios de papel ou das bolas de gude, do pião ou do bilboquê. As bonecas ingênuas ocupavam as meninas com preparativos de enxovais de batizado e casamento, conduzindo assim as pequeninas mãos à técnica da costura e do bordado por um caminho de resultados surpreendentes, graças à sua origem terna e sentimental.

Esses jogos, quase todos de grupo, estabeleciam relações sociais de cordialidade entre as crianças. Muitas amizades nasceram de partidas de gude ou “cinco Marias”, de cirandas e de fogos de artifício. E essa sociabilidade era autêntica, e de longa permanência, pois resistira às competições dos jogos, às rivalidades, aos despeitos, aprimorara o caráter nesses encontros de infância, que é quando se deve aprender a tolerância, a admiração, a justiça e outras coisas mais.

As crianças de hoje parecem-me irritadas e desnorteadas. Cerca-as uma atmosfera bravia, uma agitada atmosfera, que as deixa sem a suficiente serenidade para apreciar a beleza simples das pequenas coisas e admitir outras vidas, além da sua, neste mundo tão grande. Os jogos de conjunto tendem a desaparecer, e são os brinquedos mecânicos que os substituem. Mas uma das coisas interessantes naqueles jogos era a sua barateza. Não há rua tão infeliz que não tenha pelo menos uma dúzia de crianças. Exceto aos pais, essas crianças não custam nada. É só reuni-las, fazê-las entoar umas tantas cantigas, e já temos uma festa, meio desafinada, meio rouca – mas há alguma festa que não seja meio rouca ou meio desafinada? Nunca vi.

Agora com as bicicletas e os patins e os automóveis destes tempos de velocidade, a história é outra. Nem todos os pais podem adquirir coisas tão caras para a sua prole. E, como os possuidores de tão custosas prendas, graças exatamente à sua qualidade de brinquedos velozes, podem estar quase ao mesmo tempo em muitas partes, resulta que uma boa porção da criançada sofre – sofre profundamente – por ver essas belas máquinas fora do alcance das suas possibilidades.(...) Se os pais se lamentarem de não dar a seus filhos todas essas máquinas atraentes, mas um pouco tediosas que se inventam para brinquedo, podem causar um grande mal às crianças, aumentando o interesse naturalmente suscitado por essas coisas. Mas se não lhes derem grande atenção, se estiverem, eles mesmos, enamorados da infância e da beleza do mundo, conseguirão inspirar em seus filhos a sedução profunda de coisas que não custam nada, ou custam muito pouco, e encerram uma poesia delicada e imortal.

(...) E é por isso que eu digo que a arte de brincar se vai perdendo. A máquina está gastando a infância. Qualquer dia as criaturas humanas nascerão de barbas brancas, como Lao-Tsé. Oxalá, se vierem com a sua sabedoria...

*MEIRELES, Cecília. Melhores crônicas: Cecília Meireles. São Paulo: Global, 2003. p. 349-352.*

Será que as crianças já não sabem brincar? Provocação boa da poetisa. Ou será que as crianças brincam de modos variados, não existindo assim um jeito certo de brincar? A brincadeira é coisa privada? Brinquedo bom é brinquedo caro? Todos podem ou não brincar? A máquina está gastando a infância? O brincar e a brincadeira mudam com o tempo? Boas questões que a crônica de MEIRELES provoca.

Talvez, mais do que se a brincadeira tem que ser mais manual ou mecânica, mais simples e mais tecnológica, precisamos nos perguntar: Por que brincar é tão fundamental para a existência humana? Possivelmente era isso que gritava MEIRELES em sua reflexão: será que estamos conscientes da importância da infância? Será que estamos cuidando bem das nossas infâncias? Entendemos que as reflexões que sugerimos até aqui na companhia de Freire, Boal, Nogueira, Flor, Scaffiotti, Tassinari, Rufino apontam possíveis caminhos para essas perguntas. Não respostas definitivas, mas caminhos, andanças, errâncias.

Da mesma forma, vamos seguir em busca da conceituação da didática brincante que queremos defender aqui. O que é uma didática brincante? Quais são elas? Não pretendo aqui definir todas as didáticas brincantes possíveis, pois são muitas. Para isso, teria que não só elencar todas elas, mas fazer também uma historização da própria palavra. O nosso objetivo é, a partir da pedagogia brincante, apontar o jogo teatral das técnicas do Teatro do Oprimido como possibilidade de didática brincante em simbiose com as ideias e práticas meninas de Paulo Freire.

Se a pedagogia é o campo da crítica de como é e está a educação para como a educação pode ser, a didática é a camada dos meios e procedimentos para que a educação se efetive. Por esta razão, para falar de uma pedagogia brincante, precisamos também criar uma didática brincante.

Novamente, cantamos a necessidade do resgate da infância que há em nós na companhia de Rufino:

Todo dia vou à escola. Uma escola que habita em mim e me faz lembrar o quanto eu sou miúdo quando me permito matutar as coisas do mundo abraçado pela sombra da palmeira. Se tem algo que persigo desde quando me percebi adulto, alterado pelo acúmulo de coisas apresentadas ao longo do tempo, é caçar nessa “adultice” o menino que ainda sou. Não é porque uma pessoa tem a idade que for que ela deixa de ser o que ela era quando estava nisso que convencionamos chamar de infância. A sabedoria de rodopiar nas voltas dessa espiral conhecida como existência está exatamente na capacidade de encontrar a meninice no velho e a força do tempo naquilo que é movido pela curiosidade, pela brincadeira e pelo descobrimento das coisas. (RUFINO,2021, p.43)

Neste trecho de Rufino, cantado acima, está presente a meninice de Paulo Freire e o jogo teatral de Boal. Assim como afroperspectiva apontadas acima. Como na brincadeira, cada um brinca do seu jeito o mesmo jogo.

Didática brincante para nós são os meios e procedimentos que utilizam a brincadeira como processo de brincar aprendendo e brincar ensinando. Não há fronteira entre brincar, aprender e ensinar. Fazem parte do mesmo processo, amalgamados. Se brinca com brinquedos manuais, tecnológicos, artísticos, científicos. Brincar também é coisa séria. As infâncias que brincam fazem com verdade, com entrega e se comprometem com a brincadeira. O meu filho de 3 anos pegou uma mesinha de plástico, virou-a de cabeça para baixo, colocou o seu tapete de borracha colorido dentro e vários outros brinquedos. A sua imaginação brincante metaforizava cada brinquedo, cada objeto, cada matéria. Talvez ele saiba, como Demócrito, que os átomos podem formar o mundo na brincadeira de juntar e separar, na brincadeira de criar moléculas. A imaginação é um músculo que tem nos halteres da brincadeira e do brinquedo os equipamentos do exercício do ser humano que sonha e cria possibilidades.

A didática brincante usa as brincadeiras como forma de educar e trabalhar competências e habilidades. Com base nas 10 competências gerais da educação básica da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), podemos dizer que as brincadeiras e, principalmente, as brincadeiras do jogo teatral contribuem para o conhecimento (1), o pensamento científico, crítico e criativo (2), o repertório cultural (3), a comunicação (4), trabalho e projeto de vida (6), a argumentação (7), o autoconhecimento e autocuidado (8), a empatia e a cooperação (9) e responsabilidade e autonomia (10). A cultura digital (5) pode ou não ser trabalhada nos jogos e brincadeiras teatrais.

Como bem disse Rufino (2011),

A descolonização demanda corpos políticos que possam insurgir, se rebelar e confrontar as opressões mantidas na arquitetura do projeto da modernidade. Pede-se corpo em movimento: seja uma criança que brinca, um punhado de caroços de dendê, uma floresta que se mantém de pé, a cabeçada de um capoeira, as aprendizagens de inúmeras línguas ou as perguntas que desconcertem, confrontem, questionem e narrem outras histórias. (p.49)

Aqui, vamos falar sobre as brincadeiras e jogos do Teatro do Oprimido e de como elas são exemplos da pedagogia menina de Paulo Freire. Lembrando que jogos e brincadeiras são entendidos por nós com equivalência de sinônimos.

BOAL (2009) diz-nos que existem duas formas de pensamento: o sensível e o simbólico e eles estão unidos tanto na vida quanto no teatro. O simbólico (palavras) e o sensível (som e imagem). Não pensamos somente com as palavras e com as representações, pensamos também como os sentidos afetados por som e imagens tal como, quando bebês, estávamos aprendendo e apreendendo o mundo na barriga de nossas mães. Brincadeiras e jogos teatrais do arsenal de técnicas do Teatro do Oprimido trazem o simbólico e o sensível em simbiose como veremos nos exercícios práticos abaixo.

## **2.1 Cena I: Os jogos e as brincadeiras teatrais nas aulas de Filosofia e nas aulas interdisciplinares na Escola Firjan SESI Caxias**

Tenho o privilégio de ter formação em Teatro e Artes e também em Ciências Humanas (Filosofia e Sociologia). Trabalho como professor de teatro em diversos cursos livres há mais de 15 anos e estou professor de Filosofia e Sociologia da Escola Firjan SESI Caxias desde 2019. Procuro unir as minhas formações para proporcionar uma aula brincante. Os relatos de agora são fruto de muita práxis. (Teoria + Prática) + (Prática + Teoria).

Podemos dizer que a aula brincante, assim como a pedagogia e didáticas brincantes são conceitos em transformação. Talvez a definição de RUFINO (2011) sobre o possível significado de educação possa ajudar-nos:

EDUCAÇÃO | radical vivo que monta, arrebatada e alumbra os seres e as coisas do mundo. Fundamento assentado no corpo, na palavra, na memória e nos atos. Balaio de experiências trançado em afeto, caos, cisma, conflito, beleza, jogo, peleja e festa. Seus fios são tudo aquilo que nos atravessa e toca. Encantamento de batalha e cura que nos faz como seres únicos de inscrições intransferíveis e imensuráveis. Repertório de práticas miúdas, cotidianas e contínuas, que serpenteiam no imprevisível e roçam possibilidades para plantar esperanças, amor e liberdade. (p.4)

Não entendo educação sem boniteza e liberdade e sem a possibilidade de transformação da realidade como cantaram BOAL (2009) e FREIRE (1996). A aula brincante é aquela que proporciona que o corpo inteiro possa participar do processo de aprender, é uma aula que busca afeto, encantamento, festa, jogo, beleza. A aula onde os pensamentos sensíveis e simbólicos estão em sinestesia.

Para falar de temas políticos, sociais, históricos, econômicos e culturais podemos e devemos usar o lúdico.

Trabalho com turmas do 6º Ano ao 9º Ano do Ensino Fundamental e como turmas do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. Turmas com diferentes perfis sociais, etários, culturais e econômicos e também ideológicos. Do 6º ao 9º ano são estudantes do ensino particular e do 1º ao 3º ano são estudantes do ensino técnico que fizeram uma prova para entrar na instituição e que estudam gratuitamente. Na Escola Firjan SESI Duque de Caxias duas realidades estão contrapostas. A metodologia, o conteúdo, a formação pretendem ser as mesmas para todos e todas.

Talvez o leitor e a leitora estejam se perguntando, como inserir a pedagogia brincante e o Teatro do Oprimido nas aulas e avaliações da instituição? A Escola Firjan SESI, conforme o seu regimento, tem como finalidade:

Art. 7º- As Escolas do SESI-RJ têm por finalidade oferecer às crianças, adolescentes, jovens e adultos uma proposta educacional que favoreça seu desenvolvimento integral, como pessoas, cidadãos e futuros trabalhadores, numa concepção humanista, de forma a propiciar sua participação na sociedade de forma plena, ativa e transformadora. (2018, p.5)

A metodologia da Escola SESI-RJ possui os seguintes princípios:

- I. O estudante constrói seu conhecimento, sendo a aprendizagem um processo ativo;
- II. A construção do conhecimento é social, ocorre na interação com o outro;
- III. A aprendizagem é mediada, há um espaço entre o conhecimento e aquilo a conhecer que é mais fácil e rapidamente percorrido se o estudante conta com o docente orientador-mediador;

IV. O docente é o mediador entre o que o estudante sabe e o que passará a saber, entre a competência atual e a nova que adquire, não sendo um mero repassador de conhecimentos ou transmissor de informações;

V. No mesmo processo em que ensina o docente aprende, e por sua vez, o estudante, aprendendo ensina ao docente, agindo como desafiador de novas aprendizagens;

VI. O trabalho cooperativo, a comunicação entre os estudantes e o registro de suas produções, pensamentos e sentimentos são parte essencial do processo pedagógico e, portanto, da realização das aprendizagens;

VII. O docente deve ser adequadamente formado para exercer com habilidade o importante e decisivo papel que lhe cabe na passagem do desenvolvimento atual para o desenvolvimento potencial de seus estudantes;

VIII. A educação deve visar dimensões cognitivas, sociais e afetivas, pois não é apenas a mente do estudante que opera e constitui conhecimentos, mas a pessoa inteira enquanto indivíduo, ser social e político, agente de transformação material e de produção imaterial de bens e serviços da sociedade, é a pessoa integral, portanto, que deve se constituir;

IX. O currículo nesta metodologia é entendido como um referencial de aprendizagem que possibilita novas articulações entre conhecimentos e saberes, buscando-se considerar a trajetória dos estudantes. (2018, p. 17 e 18)

A Escola Firjan SESI busca o desenvolvimento integral dos/das estudantes e uma educação humanista baseada no sociointeracionismo de Vygotsky, na pedagogia crítica de Paulo Freire e na cultura maker do “faça você mesmo” inspirada na pedagogia de Dewey.. Assim sendo, o projeto político pedagógico da instituição abre espaço para pedagogias e didáticas que comunguem a mesma filosofia.

O/A estudante é avaliado pelo processo, não pelo resultado final. Não obstante, os resultados também são importantes como mediador de aprendizagem. Ainda mais falando do SESI que é ligado a Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (FIRJAN). De certa forma, a cultura produtivista também faz parte do itinerário de formação.

Por conseguinte, tive liberdade para desenvolver as metodologias brincantes e de Teatro do Oprimido aqui propostas. Apesar da apropriação liberalizante e mercadológica da educação maker, entendemos o maker aqui na perspectiva punk do “faço, você mesmo”. O nosso mirante é um maker transgressor, transformador. A educação a partir da práxis! Teoria e prática em simbiose como esperançava Paulo Freire.

Como funciona uma didática brincante? A didática brincante parte de diversas brincadeiras e jogos (manuais, eletrônicos e teatrais) para atingir um objetivo didático. E já que falamos de diversas brincadeiras e jogos, precisamos abordar ainda os diversos tipos de linguagem que essa interação implica. Boal no livro “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas” na página 171 esboça o quadro das diversas linguagens que estão envolvidas no ato de brincar e teatralizar:

Quadro 1 - Diversas Linguagens

Comunicação da Realidade	Constatação da Realidade	Transformação da Realidade
Linguagem	Léxico (Vocabulário)	Sintaxe
Idioma	Palavras	Oração (Sujeito, objeto, predicado verbal etc.)
Música	Instrumentos musicais, e seus sons (timbre, tonalidade etc.) e notas	Frase musical, melodia e ritmo
Pintura	Cores e Formas	Cada estilo possui a sua própria sintaxe
Cinema	Imagem (secundariamente, a música e a palavra)	Montagem: corte, fusão, superposição, fade in, fade out, travelling etc.
Teatro	Soma de todas as linguagens possíveis: palavras, cores, formas, movimentos, sons etc.	Ação Dramática

As linguagens artísticas tanto constataam a realidade quanto podem transformá-la. Quando brincamos sentimos em sinestesia. Não basta apenas uma linguagem, precisamos de diversas linguagens para expressar o mundo e, até mesmo, recriá-lo. Como diz Boal:

Brincadeiras são aprendizado, relacionando forma com outra forma, volume com volume, palavra com pessoa, objeto com distância e espaço, cor com emoção, som com algo que vai acontecer. Se a palavra, pessoa, som, coisa ou cor evocam alegria, ela ri: se tristeza ou medo, chora. Esta é a etapa da criação de conjuntos e estruturas, como o cãozinho que saliva ouvindo a campainha que anuncia a chegada da comida (sinestesia). Nesta sequência cumulativa – perceber o mundo, associar-se a ele e transformá-lo – estes são os primeiros contatos da criança com o mundo: contatos estéticos, organizadores de sensações às quais atribui valores e qualidades, através das quais realiza desejos, foge do perigo e se integra ao mundo físico e social. (BOAL, 2009.p.62)

As experiências foram realizadas na Escola Firjan SESI com os estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio entre 2020 e 2022. 2020 e 2021 - totalmente online. 2021 - híbrido e presencial. 2022 - totalmente presencial. Como exemplo de garimpo, vou descrever um pouco do projeto interdisciplinar O Átomo Cria o Mundo realizado com as turmas do 9º ano. Aponto neste projeto como as técnicas do Teatro Fórum, do Teatro Imagem, do audiovisual e das artes visuais podem contribuir para uma didática brincante.

Trabalhar com as turmas do Ensino Fundamental II é sempre um prazer. Poder dar aula de Filosofia nesses segmentos é melhor ainda. Sinto-me privilegiado por ter dois tempos de filosofia (!) com pré-adolescentes e adolescentes dos 11 aos 14 anos. O 6º Ano a transição do pensamento concreto para o desenvolvimento do pensamento abstrato e o 9º Ano a finalização do Ensino Médio e a preparação para os dilemas adolescentes. Mais que ensinar a história da

filosofia no Ensino Fundamental II, o objetivo é ensinar os/as estudantes a filosofar. Com isso, pretendemos: 1 - Promover o desenvolvimento do pensamento autônomo; 2 - Ordenar ideias, formar opiniões, desenvolver perguntas e buscar respostas, pois o curso de Filosofia pretende fazer uma crítica dos conhecimentos do senso-comum, apresentando a possibilidade de pensar por conceitos; 3- Desenvolver a competência leitora como tarefa individual e coletiva, afinal, por meio da leitura e da discussão de textos filosóficos ou não que provocam debates e estimulam o filosofar. 4 - Desenvolver a prática da escrita por meio das propostas de produção de textos curtos relacionados aos temas trabalhados nas aulas. 5 - Sensibilizar com obras artísticas antes do trabalho conceitual e relacionar a Filosofia com outras formas de pensar.

Nós poderíamos elencar mais benefícios da Filosofia no ensino básico, entretanto esses 5 pontos já bastam para que entendamos a importância da matéria para formação humana. Essas competências e habilidades auxiliam inclusive outras disciplinas da escola pois desenvolve pontos necessários para a abstração, interpretação e simbolização de qualquer questão trabalhada na escola. Elas também estão em sintonia com as competências gerais trabalhadas na BNCC

#### COMPETÊNCIAS GERAIS DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>)

O meu trabalho enquanto docente é executado de forma interdisciplinar. A cada bimestre trabalhamos conceitos da filosofia em articulação com outras matérias. A estrutura didática da escola pede para que sejam realizadas duas atividades diversificadas antes da prova. Opto por trabalhar com projetos onde os conceitos, que estão no programa de curso, possam ser trabalhados de forma criativa, brincante, estimulante, lúdica. A didática brincante é compartilhada. Darei um exemplo prático do projeto realizado com a turma do 9º Ano, onde as 10 competências da BNCC são trabalhadas de forma articulada.

Quadro 2 – Projeto O átomo cria o mundo

Projeto:	O Átomo Cria o Mundo
Temas trabalhados nas matérias:	Artes: teatro, design e cinema / Filosofia: A questão da liberdade e do determinismo na mitologia e na filosofia / Os Filósofos pré-socráticos e o átomo para Demócrito e Leucipo / A relação da filosofia com a ciência e a arte / Biologia: átomos, moléculas e a estrutura do DNA / Química e Física: Os átomos como formadores de matéria e como os átomos podem se arranjar em diversas ligações químicas / Filosofia e Artes: usar técnicas do teatro do oprimido, principalmente o teatro imagem.
Matérias	Filosofia, Artes, Química, Física e Biologia
Objetivos específicos	Estimular a invenção científica, a criação artística e a reflexão filosófica / Estimular a criação de histórias / Estimular a criatividade por meio das linguagens artísticas, em especial o uso do teatro de bonecos e do cinema / Promover a reflexão sobre a Arte e a Ciência e as suas implicações políticas, éticas e estética / Possibilitar o debate de temas transversais como a importância da ciência para a sociedade, a liberdade artística, a teoria do conhecimento / Estimular a autonomia e a criticidade dos estudantes.
Estratégias (motivação e condução das aulas):	- Exercícios de desmecanização dos corpos (aulas de Arte e de Filosofia); - Apresentação do problema filosófico e científico do átomo (Aulas de Filosofia, Biologia, Química e Física); - Leitura, interpretação dos fragmentos teóricos por meio do teatro- fórum e teatro-imagem e debate ; - Uso de técnicas do cinema; - Escrita filosófica; - Auto avaliação
Recursos:	- Leitura de textos de Leucipo e Demócrito, textos de química e biologia

	<p>sobre os átomos, moléculas e construção do DNA.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Uso de vídeos sobre átomo e o DNA para estimular a criação dos estudantes.</li> <li>- Uso de material de isopor, papel e papelão para a criação de bonecos.</li> <li>- Uso do celular para criação de vídeo.</li> <li>- Utilização dos exercícios de desmecanização e do teatro-fórum, técnicas do Teatro do Oprimido.</li> </ul>
Avaliação:	<p>1 - Os estudantes irão criar os seus bonecos a partir da estrutura dos átomos, moléculas e DNA e criar as suas histórias com esses bonecos sobre como a nossa vida pode ser determinada pelos átomos ou se somos livres por conta de podermos criar o mundo com os átomos.</p> <p>2 - Cada grupo de estudantes deve criar um curta-metragem sobre como o átomo cria o ser humano, a tecnologia e o mundo à sua volta.</p>
Autoavaliação:	Cada estudante avalia a sua participação, a da turma e a condução do processo.

No projeto foram abordados assuntos relacionados à unidade fundamental da matéria, o átomo. O objetivo era investigar a constituição atômica (história atômica, constituição do átomo e composição de moléculas simples). Foi proposto aos estudantes realizem atividades de construção de moléculas, de DNA, de bonecos (ideia que os átomos podem ser arranjar formando estruturas maiores) e contação de histórias sobre a origem do mundo e de como os conhecimentos míticos, filosóficos e científicos podem juntos fornecer explicações sobre a nossa realidade. Ao final do projeto, foram criados contos, vídeos e pinturas sobre como o átomo cria o ser humano, a tecnologia e o mundo à sua volta.

Nesta proposta pedagógica usamos diversas linguagens tanto artísticas como científicas. Fizemos uma sinestesia entre as linguagens artísticas apontadas acima por Augusto Boal (vide página 49). Importante salientar que tivemos que, antes de tudo, desmecanizar os corpos dos/das estudantes com exercícios e jogos do Teatro do Oprimido para que os mesmos pudessem usar os seus corpos de forma expressiva. Se pensarmos que, na escola, os/as estudantes são educados a ficar com os corpos passivos e enfileirados, entendemos logo como esses exercícios são necessários.

Tiramos uma aula de arte e outra de filosofia (o lado bom do trabalho interdisciplinar) para trabalhar exercícios de desmecanização e sensibilização corporal com base nos exercícios propostos por Augusto Boal no livro *Jogos para atores e não-atores* (2019).

Começamos primeiro com um exercício de aquecimento físico. Colocamos os/as estudantes em duas fileiras. Uma fileira de frente para outra. Por conta da pandemia não podíamos tocar-nos. (era em 2021). Por isso, pedimos para que cada pessoa da fileira tivesse uma dupla da outra fileira. Cada pessoa iria massagear o seu corpo com as pontas dos dedos escolhendo o local do corpo onde tivesse mais tensão e a pessoa da fileira oposta teria que

repetir o mesmo movimento. No começo, muitos risos. Na escola, não somos estimulados a relaxar o corpo. Ainda mais em público. Com as repetições de exercícios, a brincadeira foi ficando com mais qualidade e a turma ficou relaxada.

Depois, pedimos para que andassem pelo espaço. A única regra: preencham os espaços vazios com os seus corpos! Novamente, risos e corpos que se batiam como numa corrida de kart. Aos poucos, os corpos foram se deslocando no espaço e as lacunas foram sendo preenchidas. Pedimos para variar os planos (baixo, médio e alto). Ao final, pedimos para tentarem deixar os seus corpos em formato de átomos e moléculas. O corpo foi saindo do mecanizado para o expressivo. Após o exercício, montamos uma roda falamos sobre a sensação provocada.

Uma estudante disse: - No início estava com vergonha, depois o meu corpo já brincava sozinho.

Percebam a palavra “brincava”. Ela entrou no estado da brincadeira. Por que não brincamos com os nossos corpos na escola?

Outro estudante disse: - Achei muito doido pensar em outras formas para o meu corpo. Bem legal!

Essas e outras falas endossaram o estranhamento e o prazer do exercício. Sobre o átomo, falamos sobre como tudo é feito de átomo e de como os gregos pré-socráticos buscavam abstrair a natureza mas sempre fazendo referência a matéria. Todas as coisas se formam, segundo eles, quando os átomos se unem; e são destruídas quando seus átomos se separam. O exercício corporal feito era uma boa comparação. O corpo como átomo pode se unir ou se separar. Corpos unidos e separados no espaço.

Os estudantes aprenderam os conceitos de átomo, molécula e DNA colocando a mão na massa. Liam conteúdos acadêmicos e os aplicavam na prática lúdica. Dramatizaram conceitos. Percebiam que o átomo cria o mundo e com o átomo podemos recriá-lo e que tanto as linguagens artísticas e científicas são narrativas e apenas algumas interpretações de mundo. Brincavam com as possibilidades do conceito de átomo. Poetizavam o mundo. Faziam bonecos de estruturas atômicas e recontavam histórias criadas por eles/elas.

Um dos estudantes declarou:

- É muito legal aprender sobre a estrutura atômica desta forma. Eu me diverti muito!

Uma outra estudante disse:

- Nunca mais vou esquecer das ligações atômicas! É muito bom usar a linguagem do teatro para entender conceitos filosóficos e científicos complexos. Ficou simples, mas profundo. Ficou leve.

Outro declarou:

- Foi muito bom me sentir um pouco ator, dramaturgo, cineasta. E ainda aprendi sobre ciência e filosofia.

Estes depoimentos além de atestar algum resultado do projeto, dão a exata noção de como atividades lúdicas e brincantes podem auxiliar no aprendizado e facilitar a compreensão dos conteúdos escolares. Provamos que podemos teatralizar os conteúdos ou qualquer outro assunto. Como diz Boal:

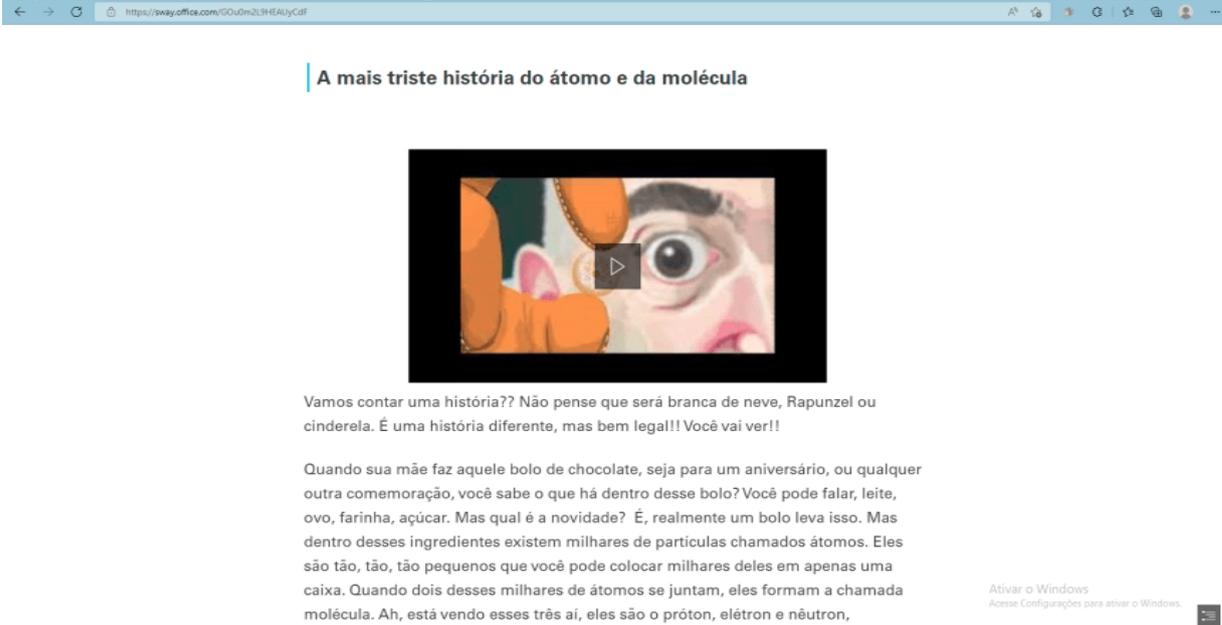
*Em resumo: toda idéia (sic), por mais abstrata que seja, pode ser teatral, sempre que se apresente na sua forma concreta, em circunstâncias específicas, em termos de vontade. Então se estabelecerá a relação IDÉIA - VONTADE - EMOÇÃO - FORMA TEATRAL; quer dizer, a ideia abstrata, transformada em vontade concreta em determinadas circunstâncias, provocará no ator a emoção que por própria irá descobrir a forma teatral adequada, válida e eficaz para o espectador. O problema do estilo e outras questões surgem depois. Isto deve ficar bem claro: a essência da teatralidade é conflito de vontades. Estas vontades devem ser subjetivas e objetivas ao mesmo tempo. Estas vontades devem perseguir metas que sejam também subjetivas e objetivas, simultaneamente. Vejamos dois exemplos: uma luta de boxe é um conflito de vontades: os dois antagonistas sabem perfeitamente o que querem, sabem como conseguí-lo e lutam por isso. No entanto, uma luta de boxe não é necessariamente teatral. Também um Diálogo de Platão apresenta personagens que exercem com intensidade as suas vontades: pretendem uns convencer os outros das suas próprias opiniões. Existe aqui também um conflito de vontades. Mas também aqui não se trata de teatro. Por quê? Porque o conflito no primeiro caso é exclusivamente objetivo e no segundo exclusivamente subjetivo. Porém, tanto um como o outro podem ser tomados teatrais. Por exemplo: o lutador quer vencer para provar alguma coisa a alguém - neste caso o que importa não são os golpes objetivos mas os significados desses golpes. O que importa é o que transcende à luta propriamente dita. No segundo caso, quero lembrar aquele Diálogo em que os discípulos tentam convencer Sócrates a fugir e não aceitar o castigo, a morte. Se vencem os argumentos dos discípulos, Sócrates não morrerá. Se se impõem as razões de Sócrates, este deverá tomar o veneno e aceitar a morte. Neste Diálogo, tão filosófico, tão subjetivo, reside no entanto um fato objetivo importante e central: a vida de Sócrates. (BOAL, 1982, p. 51-52, grifo nosso).*

Teatralizar o átomo foi um desafio bincante. Algumas atividades desenvolvidas no projeto pelos docentes para tornar o conteúdo filosófico e científico em cena teatral:

- a) Trabalhar o conceito de átomo de Leucipo e Demócrito e dividir os grupos. Apresentar o trecho do filme “Nosso Amigo Átomo” <https://youtu.be/TW1HTyTissw>
- b) Jogos de Teatro do Oprimido e técnica de Teatro Imagem
- c) Seleção de materiais. Conversa sobre arte, design e sustentabilidade.
- d) Criação de Bonecos feitos de átomos e de como o átomo e o DNA podem conduzir a vida humana + Pesquisa
- e) Apresentação dos bonecos criados e das histórias criadas com a seguinte pergunta: como a nossa vida pode ser determinada pelos átomos ou se somos livres por conta de podermos criar o mundo com os átomos?
- f) Apoio a criação de vídeos.
- g) Exibição dos curta-metragens criados pelos grupos.

Vejamos agora alguns trabalhos deste projeto produzidos pelos estudantes e armazenados no programa Sway da Microsoft no ano de 2021 e também de forma presencial em 2022:

Figura 2 - Projeto Átomo - exemplo de didática brincante 1



**A mais triste história do átomo e da molécula**

Vamos contar uma história?? Não pense que será branca de neve, Rapunzel ou cinderela. É uma história diferente, mas bem legal!! Você vai ver!!

Quando sua mãe faz aquele bolo de chocolate, seja para um aniversário, ou qualquer outra comemoração, você sabe o que há dentro desse bolo? Você pode falar, leite, ovo, farinha, açúcar. Mas qual é a novidade? É, realmente um bolo leva isso. Mas dentro desses ingredientes existem milhares de partículas chamados átomos. Eles são tão, tão, tão pequenos que você pode colocar milhares deles em apenas uma caixa. Quando dois desses milhares de átomos se juntam, eles formam a chamada molécula. Ah, está vendo esses três aí, eles são o próton, elétron e nêutron,

Ativar o Windows  
Acesse Configurações para ativar o Windows.

Fonte: O Autor, 2021.

Figura 3 - Projeto Átomo - exemplo de didática brincante 2



**A mais triste história do átomo e da molécula**

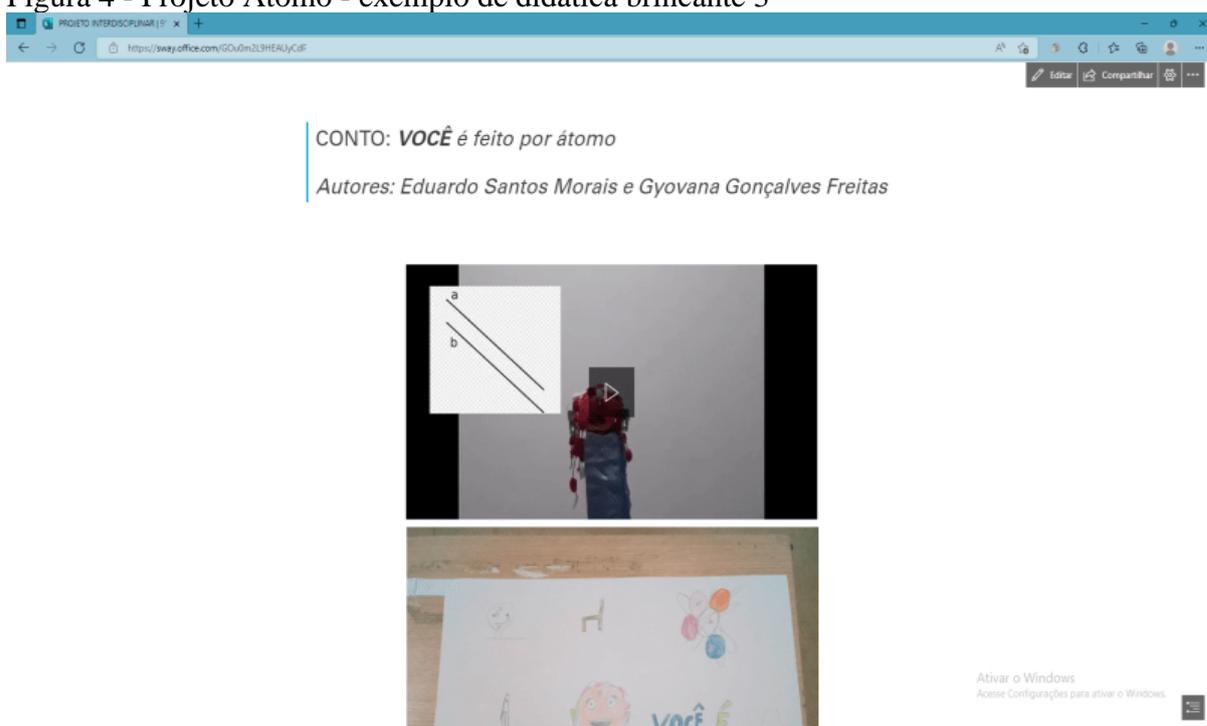
Vamos contar uma história?? Não pense que será branca de neve, Rapunzel ou cinderela. É uma história diferente, mas bem legal!! Você vai ver!!

Quando sua mãe faz aquele bolo de chocolate, seja para um aniversário, ou qualquer outra comemoração, você sabe o que há dentro desse bolo? Você pode falar, leite, ovo, farinha, açúcar. Mas qual é a novidade? É, realmente um bolo leva isso. Mas dentro desses ingredientes existem milhares de partículas chamados átomos. Eles são tão, tão, tão pequenos que você pode colocar milhares deles em apenas uma caixa. Quando dois desses milhares de átomos se juntam, eles formam a chamada molécula. Ah, está vendo esses três aí, eles são o próton, elétron e nêutron, conhecidos como G3. Não esquece deles, eles são importantes.

Ativar o Windows  
Acesse Configurações para ativar o Windows.

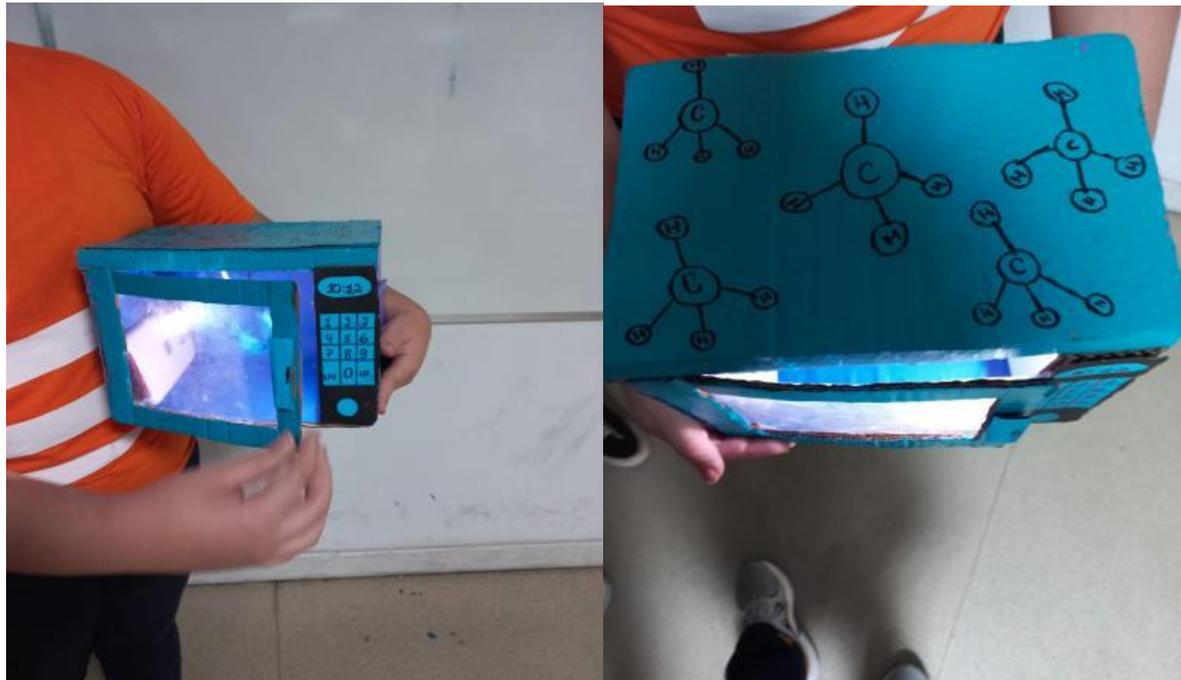
Fonte: O Autor, 2021.

Figura 4 - Projeto Átomo - exemplo de didática brincante 3



Fonte: O Autor, 2021.

Figura 6 - Projeto Átomo - Brincando de fazer protótipos a partir da ideia de átomo - uso das artes visuais



Fonte: O Autor, 2022

Nas figuras 3,4,5 e 6, os/as estudantes passaram por jogos teatrais do Teatro do Oprimido durante as aulas. Usamos o teatro imagem e os jogos improvisados durante todo o processo. Ademais, eles/elas tiveram que construir textos, desenhos, vídeos, narrativas sobre o átomo e a criação do mundo. Juntamos os conhecimentos de filosofia, artes, química, física e

biologia para produzir um projeto brincante onde os assuntos abordados nas aulas fossem transformados em objetos e obras artísticas. A infancialização/ubuntwana fizeram-se presentes na autonomia, na criatividade e na relação dos /das estudantes com o seu projeto. Também a perspectiva capoeirista da ginga de entrar saindo e sair entrando em todo o processo de criticar e de moldar os seus objetos/obras artísticas. Fizeram da sua miniatura o grande no pequeno. A representação do mundo. Entenderam a complexidade holística do átomo na criação de brinquedos com o seu conceito.

Brincar é usar o fio inteiro do ser. Quando brincamos na escola aprendemos melhor. Temos o prazer do conhecimento. Quando falamos que devemos resgatar a infância que há em nós, é exatamente isso. Brincar estudando, trabalhando. Quando brincamos somos criativos. O estudo é prazeroso. Podemos brincar ao ler um texto, ao escrevê-lo, ao criar uma atividade. É isso que chamamos de didática brincante. No filme *TARJA BRANCA: a revolução que faltava*, uma das entrevistas a pedagoga Maria Amélia Pereira fala sobre a importância da brincadeira:

-Eu encontrei um bando de crianças com uma pipa na mão, né? E os outros atrás dizendo: “BATIZA”, “BATIZA”, “BATIZA”. Eu parei e disse: “Gente, o que que é isso?! O que vocês tão batizando?” Ai o menino disse assim: “Aquela pipa”. Porque o menino usou o fio inteiro da linha. A pipa é batizada e ninguém mais pode cortar ela. E aí eu associei. Brincar para mim é usar o fio inteiro de cada ser. Cada você tá usando o seu fio de vida inteiro, você está brincando. E é profundamente sério isso. (2014, trecho 10:26 min a 11:03 min).

Brincar é muito sério e precisamos pensar no espaço escolar como podemos inserir em nossas práticas uma didática brincante. Como diz Luiz Antônio Simas no livro *O Corpo Encantado das Ruas*:

Para brincar, afinal, há que se ter a disponibilidade de tempo e espaço e a experiência da escassez que permite a invenção. As crianças de hoje não têm nada disso, atoladas em múltiplas atividades, reféns do consumo do objeto vendido pronto e confinadas entre muros concretos e imaginários, erguidos com a dureza de cimentos, preconceitos e medos. (2019, p. 95)

Disponibilidade de tempo e espaço para invenção. Anunciamos que talvez seja um dos maiores intentos da didática brincante. Quais são os tempos e espaços brincantes disponibilizados pela escola para invenção?

## 2.2 Cena II: O/A professor/ra Curinga (O/A Brincante)

A nefiante Renata Magalhães, numa das reuniões do NEFI, disse: - Ser professor é, de um certo modo, vestir um parangolé.<sup>2</sup> Parangolé de Hélio Oiticica, técnicas do Teatro do

---

<sup>2</sup> Os parangolés de Oiticica são um conjunto de obras criado por Hélio Oiticica, onde o próprio espectador se torna parte da obra. Oiticica iniciou suas pesquisas nos parangolés em 1964, e nos experimentos iniciais ele apresentava tendas, bandeiras e estandartes, a capa era usada como uma espécie de vestimenta. Fruto das experiências de Hélio Oiticica (1937-1980) com a comunidade da Escola de Samba Estação Primeira da

Oprimido de Augusto Boal, e a meninice cantada por Paulo Freire são expressões de uma pedagogia e didáticas brincantes. O/A professor/a curinga brinca ensinando e aprende brincando. Renata tinha razão. Ao professor/a, cabe criar e inventar os parangolés para que a ética, a política e a estética estejam em simbiose. Não é só um transmissor de conteúdo, nem um coordenador ou monitor de atividades. A tarefa docente pode ser mais ousada. O/A professor/a curinga é um brincante. O/A professora é um/uma mediador/a, um/uma brincante. Como diz o escritor Marcelo Freire em depoimento no documentário *Tarja Branca*:

Então, lembrar desse menino, lembrar desse brilho que você tinha quando a vida ainda era muito misteriosa. Isso é que vai te guiar a fazer a tua vida inteira ser muito iluminada. É lembrar dessas aspirações e não perder esse pé no sonho, esse pé na infância.(1:10'57" a 1:14'21")

Educar é estimular o ser brincante que há em nós que se apresenta, naturalmente, na infância. Não obstante, precisa ser estimulado por toda a vida. Quando fazemos arte, quando inventamos um protótipo, quando fazemos ciência estamos exercendo a criatividade, o imaginário, o ser brincante. O próprio Albert Einstein disse: “brincar é a mais elevada forma de pesquisa”.

Freire no livro *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa* diz: “...ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2003, p. 47). Acrescentando o que o mestre disse, diremos que o professor/a curinga precisa criar as possibilidades do conhecimento de forma brincante para a sua produção, construção ou reconstrução. É isso que defendemos aqui.

Boal no livro *Teatro do Oprimido e outras poética políticas* conta como o Sistema Curinga do Teatro do Oprimido foi criado a partir da experiência do Teatro de Arena de São Paulo.<sup>3</sup> Na montagem do espetáculo “Arena conta Zumbi”, musical escrito em 1965 por Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal e o maior sucesso artístico e de público do Teatro de Arena até hoje. A ideia de uma ator/atriz curinga surge de necessidades estéticas, políticas e sociais da década de 60 e 70. Da turbulência do golpe militar. Ao mesmo tempo, momento para

---

Manguieira, no Rio de Janeiro, o Parangolé foi criado no fim da década de 1960. Os parangolés foram estruturas feitas com tecido que envolviam o corpo de uma pessoa, onde o real sentido dessa apresentação estaria na dança e no envolvimento do corpo com as cores do tecido. Em um de seus relatos ele afirmou que o interesse dele pela arte, ritmo e dança veio por uma necessidade de desintelectualização, ou seja, ele ansiava pela necessidade de ter livre expressão. Por isso, para ele o Parangolé se tornou um meio de expressão artística.

<sup>3</sup> O Teatro de Arena de São Paulo foi um dos mais importantes grupos teatrais brasileiros das décadas de 50 e 60. Inicia-se em 1953 com a missão de criar produções de baixo custo, segundo o ator e diretor José Renato, em contraposição às produções sofisticadas e de repertório internacional do Teatro Brasileiro de Comédia. Em 1958, Augusto Boal é convidado para dar um curso sobre o teatro realista de Stanislavski. A partir daí, o Teatro de Arena passa a buscar um repertório nacional e estimula a escrita de textos dos integrantes do grupo sobre os problemas brasileiros. Boal foi diretor artístico do Arena de 1958 a 1971, quando teve que se exilar do Brasil por conta da Ditadura Militar.

movimentos que pretendem transformar a sociedade. Era necessário propor um curinga que dialogasse com o público, quebrando a parede que poderia existir entre ambos. Um diálogo permanente. A história não está acabada, ela pode ser transformada como as condições sociais. O “Sistema Coringa”, criado por Augusto Boal. A metodologia permitia que os diversos atores em cena trocassem de personagens e um ator/atriz -coringa fazia a conexão entre as cenas, apresentando pontos de vista a partir dos acontecimentos. Era uma proposta que pretendia alterar a estrutura tradicional dramática, com uma história a ser narrada pelos atores, atuando coletivamente. O/A docente curinga é aquele que pode fazer vários personagens e faz a troca em cena (a sala de aula). Apresenta os pontos de vista dos acontecimentos e está em constante diálogo com os/as estudantes. Não se trata aqui só de metáfora, é literal. Somos, ao mesmo tempo, atores e personagens.

Segue agora um exemplo da minha prática enquanto professor curinga e de como cada estudante está agindo como curinga também, sendo, ao mesmo tempo, ator e personagem do Teatro-Imagem

Figura 7 - Exemplo de Professor Coringa



Fonte: O Autor, 2022

Busco o mesmo na minha prática enquanto professor de filosofia, sociologia, artes e teatro. Brincamos de fazer teatro para entender os conceitos e problemas que discutimos. No Clube de Humanas - nome dado pela Escola Firjan SESI ao Itinerário do Novo Ensino Médio -, abordamos o problema dos Direitos Humanos focando nos temas da desigualdade racial e de gênero usando as técnicas do Teatro do Oprimido e a pedagogia da autonomia de Paulo Freire - ambas defendidas aqui como pedagogias brincantes. Aprendemos a pesquisar, a entrevistar, a questionar, a criar dados, a analisar gráficos e estatísticas sobre as questões abordadas, mas sempre usando o exemplo prático da cena teatral e das vivências dos/das estudantes. Eles/Elas escolheram o tema. Descobrimos como o racismo é estrutural e de como confundimos o debate sobre sexo, sexualidade e gênero. Temas polêmicos mas necessários para uma educação crítica. Não entendemos a educação como “ideologia de gênero” como alguns conservadores podem afirmar, pois entendemos que a ideia de uma ideologia de gênero já é um posicionamento social e uma pregação dogmática do que deve e do que não deve ser educação. Preconizamos aqui por uma educação democrática. Aberta às experiências e vivências dos/das estudantes. Uma educação dialógica, como cantou Freire. Diálogo no debate, na proposta didática, na conversa, na leitura, na interpretação de texto, diálogo na cena teatral. Pedagogia e teatro dos oprimidos para os oprimidos. Falamos e ensinamos sobre o oprimir e o ser oprimido. Filosofamos com os nossos corpos.

FREIRE (2003) diz que ensinar exige saber escutar e exige disponibilidade para o diálogo, requisitos fundamentais para o/a professor/a brincante que defendemos aqui. E dizemos mais, se você não dialoga, você não brinca. Ser brincante é ser dialógico. Diálogo necessário na escola. Diálogo que tem base nos terreiros, na roda de samba, na roda capoeira da ancestralidade afro-brasileira. Diálogo que tem base nas conversas das ruas, nos encontros das encruzilhadas. Repetimos o canto: Ser brincante é ser dialógico.

Dialogamos agora com RUFINO novamente:

Paulo Freire vai na encruzilhada firmar ponto de trabalhador. Mesmo virado no catiço, ele não passa batido das chamadas que são necessárias de serem dadas e o refazem no tempo. Exu é homem e mulher, é mais velho que o próprio tempo e é também criança, roda a saia e mostra o ogó[48]. Uma educação como ato de descolonização arreia ‘pedagogias do oprimido, da esperança, da indignação, da autonomia e das encruzilhadas’. Nesse alquidã pode botar dendê: não há descolonização sem um giro político e poético em que a libertação dos oprimidos perpassa por educações para as diversas formas de vibrar no mundo. Afinal, se arreia na encruza porque é de lá que se abre caminho. RUFINO, Luiz. Vence-demanda (p. 35).

Para continuar o diálogo, ouviremos algumas falas brincantes do filme “Tarja Branca” para essa (in) conclusão.

O multiartista Antônio Nóbrega fala sobre a experiência do que é ser um brincante no filme “Tarja Branca “:

- Eu me lembro que eu gostava muito de batucar na mesa. Brincar com o ritmo, não é? E o meu pai detectou nesse hábito, nesse procedimento, vocação musical. (2014, trecho 03’09’’) )

-Eu acho que o brincar é o modo que a gente tem de organizar o nosso mundo, criando um mundo paralelo ao mundo que a gente vive mergulhado cotidianamente. (2014, trecho 09’09’’) )

-É uma necessidade biológica. Eu acho que é uma necessidade primária, primordial que a gente já nasce naturalmente com ela, né? Os animais brincam.(2014, trecho 09’36’’a 09’46’’)

-(...) Acho que a gente tem a necessidade de trazer esse lúdico, cada vez mais, à tona. Recuperar esse lúdico para a vida cotidiana. ( 2014, trecho 10’15’’ a 10’23’’)

A Pesquisadora de brinquedos e brincadeiras, documentarista diz:

-Eu chegava na praia e construía mil castelos, brincava no mar, corria, brincava de bicicleta, tudo... E a minha mãe sentada tomando sol. Eu sentia dó dela. Eu achava que tinha alguém que estava dizendo para ela fazer outra coisa a não ser aquilo. Que não fosse um desejo dela. (2014, trecho 03’21’’)

O músico, ator e dançarino Helder Vasconcelos complementa:

-Bola de gude, pião e papagaio. E hoje eu vejo toda uma ciência, uma sabedoria que tem aí. Tem a época de empinar papagaio, de brincar de bola de gude e de pião. Tem a ver com o vento, com a natureza e tal. Então, são esses ciclos maiores que a gente vive através dessas brincadeiras. (2014, trecho 04’44’’ a 09’24’’)

Rosane Almeida, diretora Artística do Instituto Brincante reforça:

-Essa necessidade (de brincar) ela se estende no humano para além da infância, né? Você vai crescendo e essa necessidade de entender então o que você é, como é que você se relaciona com o outro, como é que você existe dentro de um espaço, como que você se apropria disso que está ao seu alcance é... Isso acompanha a gente até a morte. (2014, trecho 09’54’’ a 10’15’’)

A pedagoga Maria Amélia Pereira poetiza:

-Eu encontrei um bando de crianças com uma pipa na mão, né? E os outros atrás dizendo: “BATIZA”, “BATIZA”, “BATIZA”. Eu parei e disse: “ Gente, o que que é isso?! O que vocês tão batizando?” Ai o menino disse assim: “Aquela pipa”. Porque o menino usou o fio inteiro da linha. A pipa é batizada e ninguém mais pode cortar ela. E aí eu associei. Brincar para mim é usar o fio inteiro de cada ser. Cada você tá usando o seu fio de vida inteiro, você está brincando. E é profundamente sério isso. (2014, trecho 10’26’’ a 11’03’’).

A Professora de Música e Pesquisadora Lídia Hortelino alerta:

-Tem gente que morre e... Uma ou duas cordas foram acionadas e as outras ficam em silêncio a vida inteira. E é no brincar... É brincando que você dedilha a lira inteira. (2014, trecho 11’04’ a 11’21’’ )

-Esse milagre do ser humano ainda é novo. Acontece e continua acontecendo... Quer dizer, ele tá inteiro, ele vem outra vez com todas as promessas. Então, eu acho que a

fórmula é: olhar menino, aprender menino, reaprender menino. E pronto. É só isso. É muito simples. Tá no seu corpo. Todo mundo tem o seu corpo e tem uma criança dentro. Deixa ela brincar! Não vai acontecer talvez no primeiro dia, mas o fato de você sorrir ( - como eu tô vendo você sorrindo aí - falou para a pessoa que estava com a câmera) já é um ato de reconhecimento. Você já está no território sagrado da infância. Você já sabe que é lá. (2014, trecho 1:14'23" a 1:15'05" )

Os depoimentos acima são diálogos que reforçam a importância de pensarmos didáticas e práticas brincantes. Brincar é reconectar-se com a infância/ubuntwana, com o bem-viver do teko porã que sabe como é importante a relação sustentável com a natureza não-humana; brincar é ativar a pedagogia capoeira apoiada pela ginga de exú nas encruzilhadas.

Coloco reticências nesta pesquisa brincante com um canto da canção “Carrossel do Destino”:

Deixo os versos que escrevi / As cantigas que cantei / Cinco ou seis coisas que eu sei  
/ Deixo os versos que escrevi / E um milhão que eu esqueci. / Deixo este mundo daqui  
/ Selva com lei de cassino / Vou renascer num menino / Num país além do mar... /  
Licença, que eu vou rodar / No carrossel do destino. (Canção Carrossel do Destino,  
Antônio Nóbrega)

## **EPÍLOGO - A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS TEATRAIS E DA BRINCADEIRA NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR E DO EDUCANDO**

Reafirmamos aqui o que vimos nesta pesquisa anteriormente: o brincar precisa estar inserido no dia-a-dia da educação. Brincar é toda hora. Se aprende algo novo brincando. Se a prova é tratada como brincadeira, como jogo, fica mais divertida e estimula a nossa criatividade. Viver uma vida brincante deveria ser também uma das metas da educação e nos projetos e políticas públicas.

Vimos como a meninice de Freire no ato de sonhar e aprender ao pé da mangueira e a sua pedagogia menina do perguntar guiam a manutenção da infância em todos nós, ao longo de toda a nossa vida. Vimos como os jogos teatrais e brincadeiras do Teatro do Oprimido podem oferecer técnicas, metodologias e didáticas de como inserir uma educação brincante e de como desmecanizar o corpo pode ser vital para o desenvolvimento dos projetos educativos. Além disso, Boal nos oferece a importância de entendermos novas formas de pensamento: o pensamento simbólico e o pensamento sensível. A Árvore do Teatro do Oprimido pode ser tanto uma alegoria de sensibilização como um plano de curso inteiro para os nossos intentos brincantes. Passamos pela importância de entender o grande no pequeno na representação do mundo como miniatura. Ao brincar, a nossa miniatura torna-se o mundo que queremos atribuir sentidos. Brincar é usar o fio inteiro da existência. Eis a nossa ontologia. As práxis brincantes de Freire e Boal são os motivadores desta pesquisa brincante.

Entendemos que se queremos defender uma pedagogia brincante, vamos ter que também descolonizar perspectivas, vamos ter que aderir afroperspectivas, afrobrasilidades para pensar dentro fora e fora dentro dos currículos eurocentrados. Entendemos que infâncias tem mais a ver com ubuntu, teko porã, ginga, exú do que com infanti. Entendemos a importância de nomear e atribuir sentido àquilo que queremos dizer em afroperspectiva através dos ensinamentos da cultura iorubá. Uma educação que leva em consideração a ancestralidade, a futuridade e os viventes. A infância do (re) encantar-se com o mundo, educar como infanciarizar, educar como ancestralidade presente. A pedagogia capoeirista e de exu afrobrasileiras ditas por Rufino são também fundamentos para a nossa prática brincante e práxis diária.

O/A professor/a não precisa ser um ator/uma atriz. Basta querer brincar e ter boa vontade e alguns dos fundamentos também elencados aqui para buscar uma pedagogia brincante. Afinal, como disse BOAL, todos somos atores e EspecAtores. As atividades sugeridas aqui não pretendem ser um manual, não obstante é uma descrição de uma prática que indica

possibilidades de inserir a pedagogia da brincadeira na sala de aula com base nas referências então trabalhadas.

Esperamos que para você, educador e educadora, estes escritos brincantes não se convertam em manual mas em brinquedo em permanente construção. Que esse texto inspire a sua meninice na sala de aula. Se as escolas se espalharem com pedagogias e didáticas brincantes, esta pesquisa-ensaio terá efetivado a sua missão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. *A estética do oprimido* / Augusto Boal. - Rio de Janeiro : Garamond, 2009. 256p. : il.

\_\_\_\_\_. *Jogos para atores e não-atores*. rev. ampl. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Ed.12, 2008.

\_\_\_\_\_. *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Ed.4, 1982.

\_\_\_\_\_. *Hamlet e o filho do padeiro: memórias imaginadas*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

\_\_\_\_\_. *O arco-íris do desejo: método Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

\_\_\_\_\_. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, ed. 2, 1980.

\_\_\_\_\_. *A estética do oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BACHELARD, G. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. *A Poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

COSTA, Giovânia. *Corpo: possibilidades para pensar e ensinar filosofia. O philodrama como experiência de formação*. *Childhood & Philosophy*, ISSN-e 1984-5987, Vol. 4, Nº. 7, 2008.

DESGRANGES, Flávio. *A pedagogia do teatro: provocação e dialogismo*. -3ed. – São Paulo: Editora Hucitec: Edições Mandacaru, 2011.

DO NASCIMENTO, Wanderson Flor. *Entre apostas e heranças: Contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil*. – 1 ed. – Rio de Janeiro: NEFI, 2020 – (Coleção Ensaios; 6).

ELKONI, D. B. *Psicologia del juego*. Trad. V. Uribes. Madrid: Visor, 1985.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. *Cartas a Cristina [recurso eletrônico]: reflexões sobre minha vida e minha práxis* / Paulo Freire; organização Ana Maria Araújo Freire. – 1. ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2020.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 4ª ed. (1ª edición: 1992). Rio de Janeiro: Paz e Terra

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25 ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996

\_\_\_\_\_. *A Importância do Ato de Ler - em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v 4)- 80 páginas.

GHIRANDELLI, Paulo. O que é Pedagogia? (Primeiros Passos) (p. 21). Brasiliense, 2017. Edição do Kindle.

HUIZINGA, J. Homo ludens. São Paulo: Perspectiva, 2005

KISHIMOTO, T. M. (org). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2010.

KOHAN, Walter. *Paulo Freire, mais do que nunca: uma biografia filosófica*. 1.ed. - Belo Horizonte: Vestígio, 2019.

LOPES, Nei. SIMAS, Luiz Antonio. Filosofias africanas: uma introdução – 1a ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. Edição do Kindle.

MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sicoli; PASSOS, Norimar Christie. Os jogos e o lúdico na aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MACIEL, Andreia Costa. *O teatro do oprimido como exercício de resistência Através das aulas de filosofia na escola*. Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica, 2017.

NOGUERA, Renato. *Infância, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas*. *Childhood & philosophy*, rio de janeiro, v. 14, n. 31, set.-dez. 2018, pp. 625-644.

\_\_\_\_\_. *Entre a linha e a roda: infância e educação das relações étnico-raciais*. Rev do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO. Vol.1, n.15, 2017.

\_\_\_\_\_, BARRETO, Marcos. *Infância, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas*. *childhood & philosophy*, Rio de janeiro, v. 14, n. 31, set.-dez., pp. 625-644, 2018.

\_\_\_\_\_. *Infância em afroperspectivista: articulações entre Sankofa, ndaw e terrisxistir*. Rev Sul-americana de Filosofia e Educação – *RESAFE*, n.31, mai-out, 2019, p. 53-70. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/28256>>. Acesso em 27 nov. 2019.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org). O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

RAMOSE, Mogobe B. *African Philosophy through Ubuntu*. Harare: Mond Books, 1999, p. 49-66. Tradução para uso didático por Arnaldo Vasconcellos.

REGIMENTO das Escolas SESI-RJ. Rio de Janeiro. 2018. 52 páginas.

ROJAS, Jucimara. Educação lúdica: a linguagem do brincar, do jogo e da brincadeira no aprender da criança. Campo Grande, MS: Ed.UFMS, 2009.

RUFINO, Luiz Vence-demanda [recurso eletrônico] : educação e descolonização / Luiz Rufino. — 1. ed. — Rio de Janeiro : Mórula, 2021. Edição do Kindle.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. O lúdico na formação do educador. 5 ed. Vozes, Petrópolis, 2002.

SLADE, Peter. *O Jogo dramático infantil*. São Paulo: Summus, 1978.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Civilização Brasileira, 2019. Edição do Kindle.

TAKUÁ, Cristine. *Tekó Porã: práticas educativas guarani para o bem viver. Ecologia dos saberes: alfabetização e descolonização culturais*. Disponível em: <https://educezimbra.wordpress.com/2016/04/13/teko-pora-praticas-educativas-guarani-para-o-bem-viver-por-cristine-takua/>. Acesso em: 20 agosto 2020.

*TARJA BRANCA: a revolução que faltava*. Direção de Cacau Rhoden. Produção Executiva de Estela Renner, Luana Lobo e Marcos Nisti. Roteiro de Cacau Rhoden; Estela Renner; Marcos Nisti. Intérpretes: Domingos Montagner; Wandí Doratiotto; Antônio Nóbrega; José Simão. Música: André Caccia Bava. São Paulo: Maria Farinha Filmes, 2014. 1 DVD (80 min.), son., color. Documentário.

VASCONCELOS, Paulo. *O Jogo e Piaget: História da Infância - o Jogo-Brincar* (p. 74). Edição do Kindle.

VIGOTSKI, L. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução de: José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VIGOTSKY, L.S. *A Formação Social da Mente*. 6ª ed. São Paulo, SP. Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

\_\_\_\_\_. *Pensamento e linguagem*. Trad. J. L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1987. Vasconcelos, Paulo.

\_\_\_\_\_. *Pensamento e linguagem*. Trad. J. L. Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1987. Vasconcelos, Paulo. *O Jogo e Piaget: História da Infância - o Jogo-Brincar* (pp. 79-80). Edição do Kindle.

## ANEXO A - Fichas de propostas pedagógicas

As fichas apresentadas aqui não pretendem ser um manual nem um modelo de plano de aula, apenas uma sugestão de como encontrar e propor a sua didática brincante. São apenas apontamentos e errâncias no processo de pesquisa de pesquisador brincante.

Exemplo 1 - Projeto O ÁTOMO CRIA O MUNDO com as turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II.

Projeto:	O Átomo Cria o Mundo
Temas trabalhados nas matérias:	Artes: teatro, design e cinema / Filosofia: A questão da liberdade e do determinismo na mitologia e na filosofia / Os Filósofos pré-socráticos e o átomo para Demócrito e Leucipo / A relação da filosofia com a ciência e a arte / Biologia: átomos, moléculas e a estrutura do DNA / Química e Física: Os átomos como formadores de matéria e como os átomos podem se arranjar em diversas ligações químicas / Filosofia e Artes: usar técnicas do teatro do oprimido, principalmente o teatro imagem.
Matérias	Filosofia, Artes, Química, Física e Biologia
Objetivos específicos	Estimular a invenção científica, a criação artística e a reflexão filosófica / Estimular a criação de histórias / Estimular a criatividade por meio das linguagens artísticas, em especial o uso do teatro de bonecos e do cinema / Promover a reflexão sobre a Arte e a Ciência e as suas implicações políticas, éticas e estética / Possibilitar o debate de temas transversais como a importância da ciência para a sociedade, a liberdade artística, a teoria do conhecimento / Estimular a autonomia e a criticidade dos estudantes.
Estratégias (motivação e condução das aulas):	<ul style="list-style-type: none"><li>- Exercícios de desmecanização dos corpos (aulas de Arte e de Filosofia);</li><li>- Apresentação do problema filosófico e científico do átomo (Aulas de Filosofia, Biologia, Química e Física);</li><li>- Leitura, interpretação dos fragmentos teóricos por meio do teatro- fórum e teatro-imagem e debate ;</li><li>- Uso de técnicas do cinema;</li><li>- Escrita filosófica ;</li><li>- Auto avaliação</li></ul>
Recursos:	<ul style="list-style-type: none"><li>- Leitura de textos de Leucipo e Demócrito, textos de química e biologia sobre os átomos, moléculas e construção do DNA.</li><li>- Uso de vídeos sobre átomo e o DNA para estimular a criação dos estudantes.</li><li>- Uso de material de isopor, papel e papelão para a criação de bonecos.</li><li>- Uso do celular para criação de vídeo.</li><li>- Utilização dos exercícios de desmecanização, teatro-imagem e do teatro-fórum, técnicas do Teatro do Oprimido.</li></ul>
Avaliação:	<ol style="list-style-type: none"><li>1 - Os estudantes irão criar os seus bonecos a partir da estrutura dos átomos, moléculas e DNA e criar as suas histórias com esses bonecos sobre como a nossa vida pode ser determinada pelos átomos ou se somos livres por conta de podermos criar o mundo com os átomos.</li><li>2 - Cada grupo de estudantes deve criar um curta-metragem sobre como o</li></ol>

	átomo cria o ser humano, a tecnologia e o mundo à sua volta.
Autoavaliação:	Cada estudante avalia a sua participação, a da turma e a condução do processo.

Exemplo 2 - Projeto Saúde é Democracia - a Mulher Negra no Xadrez Social com as turmas do 1º do Ensino Médio

Projeto:	Saúde É Democracia – A Mulher Negra No Xadrez Social
Temas trabalhados nas matérias:	<p>Filosofia: Conceituar Poder, Força e Autoridade / Problematizar as relações de Poder / Conceituar democracia / Debater sobre as teorias políticas e sua influência hoje / Compreender as práticas democráticas e seu tempo histórico / Debater sobre as noções de Estado de natureza e Contrato social nos dias de hoje / Compreender as práticas democráticas e seu tempo histórico / Debater sobre as noções de Estado de natureza e Contrato social nos dias de hoje / Apresentar a crítica do filósofo Foucault e da filósofa Sueli Carneiro sobre o controle da saúde, especificamente da saúde da mulher negra e as suas consequências no debate sobre democracia</p> <p>Sociologia: Conceituar: Democracia, Autocracia, Fascismo e Direitos Civis, políticos e sociais. Identificar os limites para o exercício pleno da democracia no Brasil; Identificar os limites para o exercício pleno da democracia no Brasil; e Compreender que os direitos de cidadania são conquistas historicamente construídas e que a participação política é indispensável para a ampliação desses direitos.</p> <p>História: História da luta antirracista no Brasil, A Abolição Inconclusa, A luta dos movimentos sociais no Brasil e no Mundo</p> <p>Geografia: Interseccionalidade - raça, gênero e classe como eixos de opressão sobre a mulher negra no mercado de trabalho; Contornos da discriminação no mercado de trabalho: baixa qualificação, baixa remuneração, assédio e obstáculos para ocupar posições de liderança/destaque; A mobilidade do corpo feminino e negro da metrópole: por onde circula e onde se ocupa a mulher negra?</p> <p>Matemática: Identificar e interpretar gráficos (barras, setores...). Investigação de dados e estatística (média, moda, mediana), com elaboração de questionamentos para nortear a pesquisa dos alunos – tratamento de informação. Objetivos: identificar as informações relevantes para uma análise de dados; efetuar a análise de dados; elaborar um relatório com os resultados obtidos; refletir sobre os dados obtidos e relacionar estratégias para modificar dados que são considerados problemáticos para a sociedade.</p> <p>Química e Biologia: Identificar a importância e papel da química dentro das áreas relacionadas a saúde; Iniquidade na saúde da mulher negra – acesso, doenças e tratamentos; Saúde e uso de drogas ilícitas - identificação, mecanismo de ação e enfrentamento às drogas</p> <p>Artes: A arte negra no Brasil e o Teatro como engajamento</p>

	político.
Matérias	Filosofia, Sociologia, História e Geografia, Artes, Química, Biologia e Matemática
Objetivos específicos	Estimular a cidadania / Estimular a criatividade por meio das linguagens artísticas, em especial o uso do Teatro/Promover a reflexão sobre o tema da saúde da mulher negra e as suas implicações políticas, éticas e estéticas/ Estimular a autonomia e a criticidade dos estudantes.
Estratégias (motivação e condução das aulas):	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exercícios de desmecanização dos corpos (aulas de Arte e de Filosofia);</li> <li>- Debates e rodas de conversa</li> <li>- Leitura, interpretação dos fragmentos teóricos por meio do teatro- fórum e teatro-imagem e debate ;</li> <li>- Uso de técnicas do cinema;</li> <li>- Escrita filosófica ;</li> <li>- Auto avaliação</li> </ul>
Recursos:	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura de textos e exibição de vídeos sobre a questão racial.</li> <li>- Leitura do texto <i>Pequeno Manual Antirracista da Djamila Ribeiro</i>.</li> <li>- Uso do celular para criação de vídeo.</li> <li>- Utilização dos exercícios de desmecanização, teatro-imagem e do teatro-fórum, técnicas do Teatro do Oprimido.</li> </ul>
Avaliação:	Os estudantes irão criar curtas-metragens ficcionais que abordam a temática pesquisa.

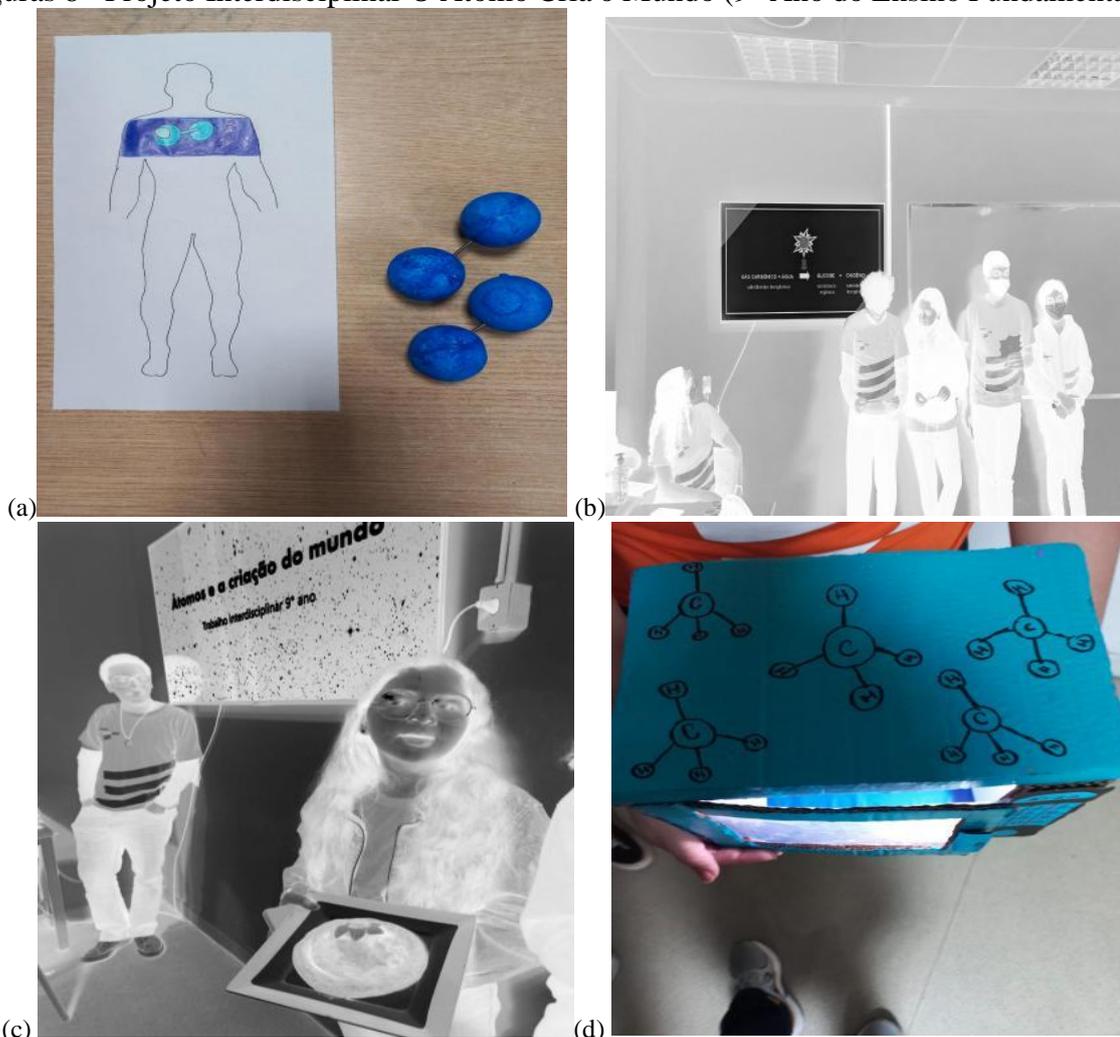
## ANEXO B - Experiências De Jogos Teatrais Na Sala De Aula - Escola Firjan Sesi Duque de Caxias (IFII - 6º E 9º Ano)

As imagens que serão vistas agora são registros de momentos da aplicação das brincadeiras e dos jogos teatrais do Teatro do Oprimido aplicados na sala de aula. Essas imagens foram coletadas entre 2021 (com ensino híbrido e pandemia) e 2022 (totalmente presencial). Brincamos aprendendo-ensinando e ensinando-aprendendo as nossas infâncias (ubuntuwana). Estudávamos juntos fazendo meninices ao modo freiriano. Infancializamos.

### 1- Artes Visuais e Teatro Imagem

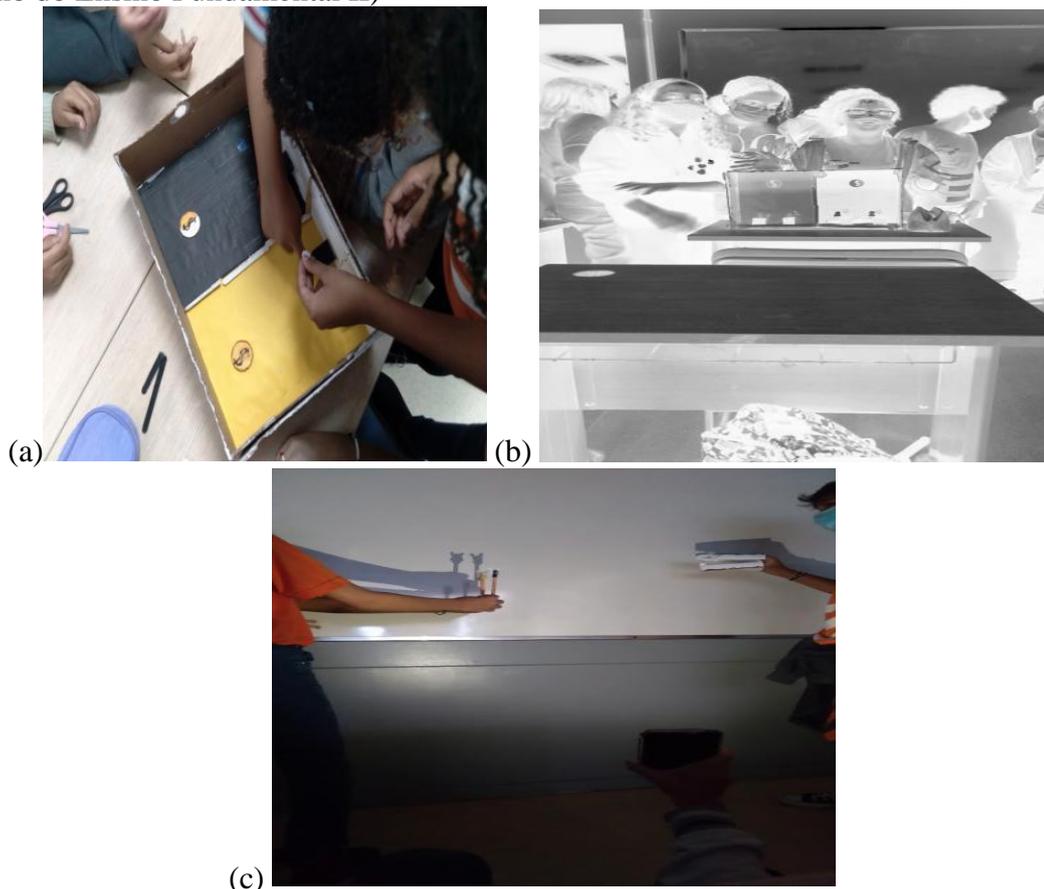
As imagens a seguir são momentos do uso da pedagogia brincante com base nas técnicas do Teatro do Oprimido e da relação da pedagogia menina de FREIRE cuja pedagogia menina da pergunta era o ponto zero motivador das brincadeiras. Abaixo algumas imagens de alguns desses projetos realizados de forma interdisciplinar com técnicas das Artes Visuais e do Teatro Imagem do Teatro do Oprimido (ver as definições da técnica do Teatro do Oprimido na página 26)

Figuras 8 - Projeto Interdisciplinar O Átomo Cria o Mundo (9º Ano do Ensino Fundamental II)



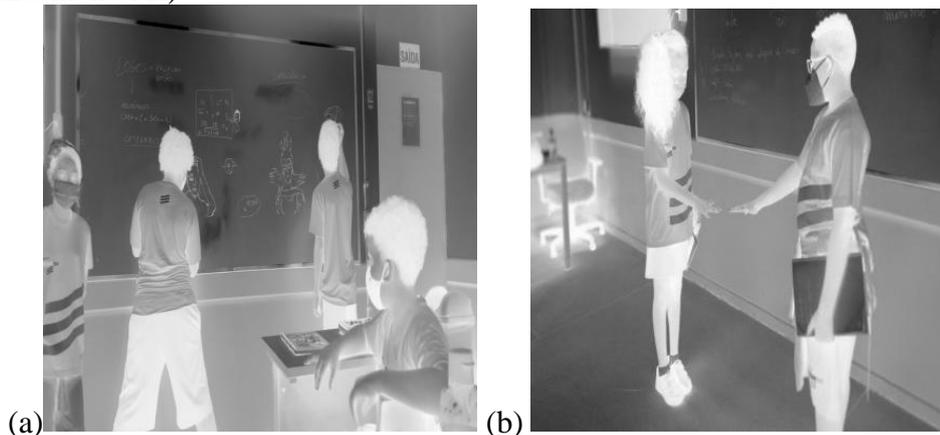
Legendas: (a) - Os/As estudantes apresentaram o seu projeto sobre a representação atômica do oxigênio no pulmão humano partindo da seguinte pergunta-menina: O átomo cria o mundo?; (b) - Desenho e criação de protótipo da estrutura atômica do pulmão humano; (c) e (d) - Os/As estudantes mostraram as estruturas atômicas através da construção de um protótipo de um prato, da comida e do micro-ondas. Fonte: O Autor, 2022.

Figuras 9 - Oficina Maker - Projeto Interdisciplinar Caminhos para redução das desigualdades (7º Ano do Ensino Fundamental II)



Legendas: (a) - Os/As estudantes construindo o cenário da caixa do Teatro de Sombras. Usaram materiais recicláveis e construíram caixas com papel kraft partindo da seguinte pergunta-menina: como podemos interferir para reduzir as desigualdades? ; (b) - Os/As Estudantes apresentaram o trabalho para redução das desigualdades (de Filosofia, Artes e Geografia) mostrando como a desigualdade de gênero é construída a partir da desigualdade salarial entre homens e mulheres; (c) - Os/As estudantes construíram bonecos de papel e palitos de sorvete, construíram roteiros sobre histórias sobre a desigualdade de gênero. O grupo da foto escolheu retratar sobre o preconceito social quando pessoas do mesmo sexo demonstram o seu amor. O Crocodilo de papel representa a sociedade com os seus preconceitos. Fonte: O Autor, 2022.

Figuras 10 - Projeto Interdisciplinar A Categorização e a Representação do Mundo (6º Ano do Ensino Fundamental II)



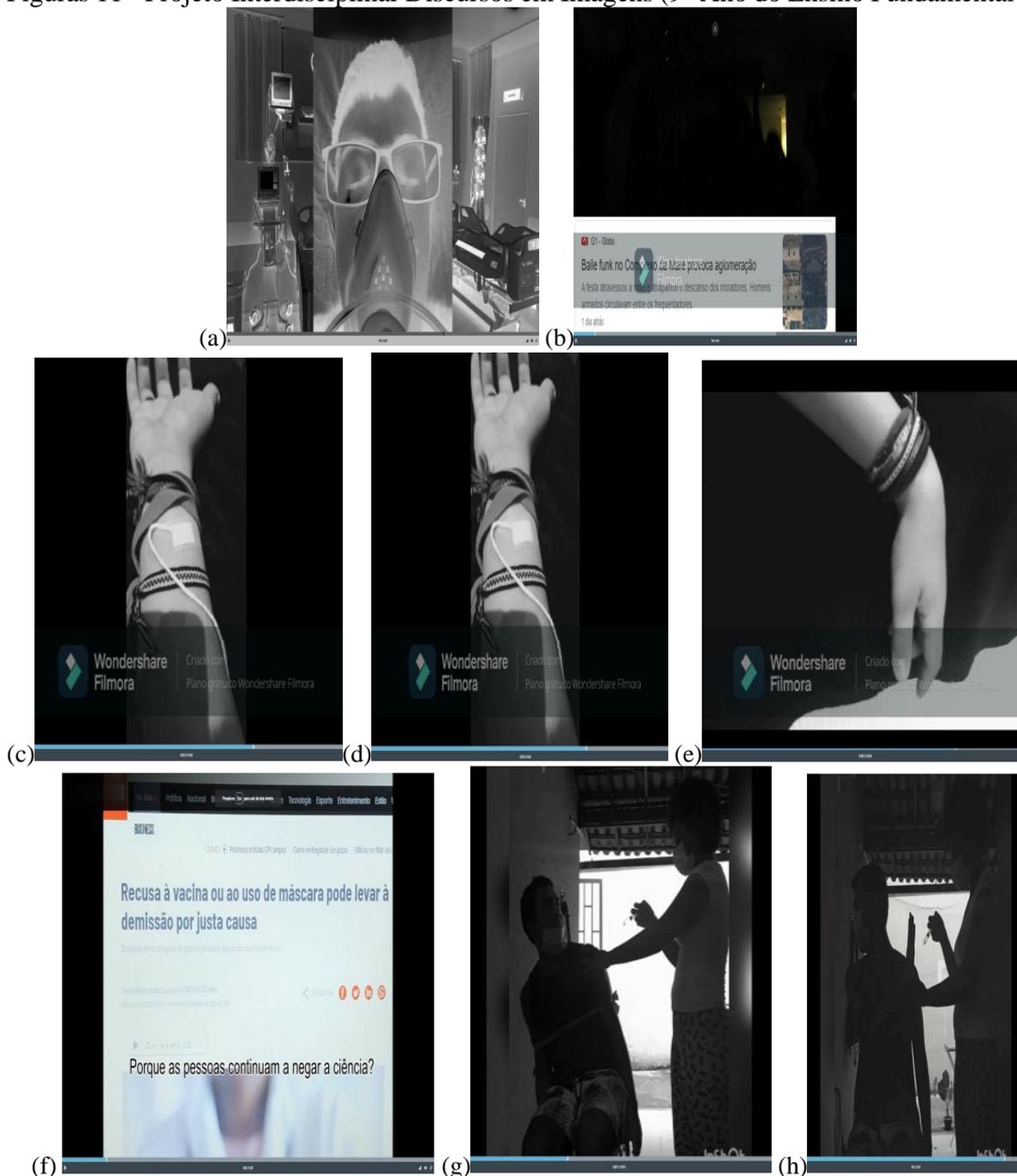
Legendas: (a) - Os/As estudantes tentam representar no quadro desenhos e palavras que consigam dar conta do sentido da palavra “inteligência” - atividade em conjunto com Artes, História e Língua Portuguesa partindo da

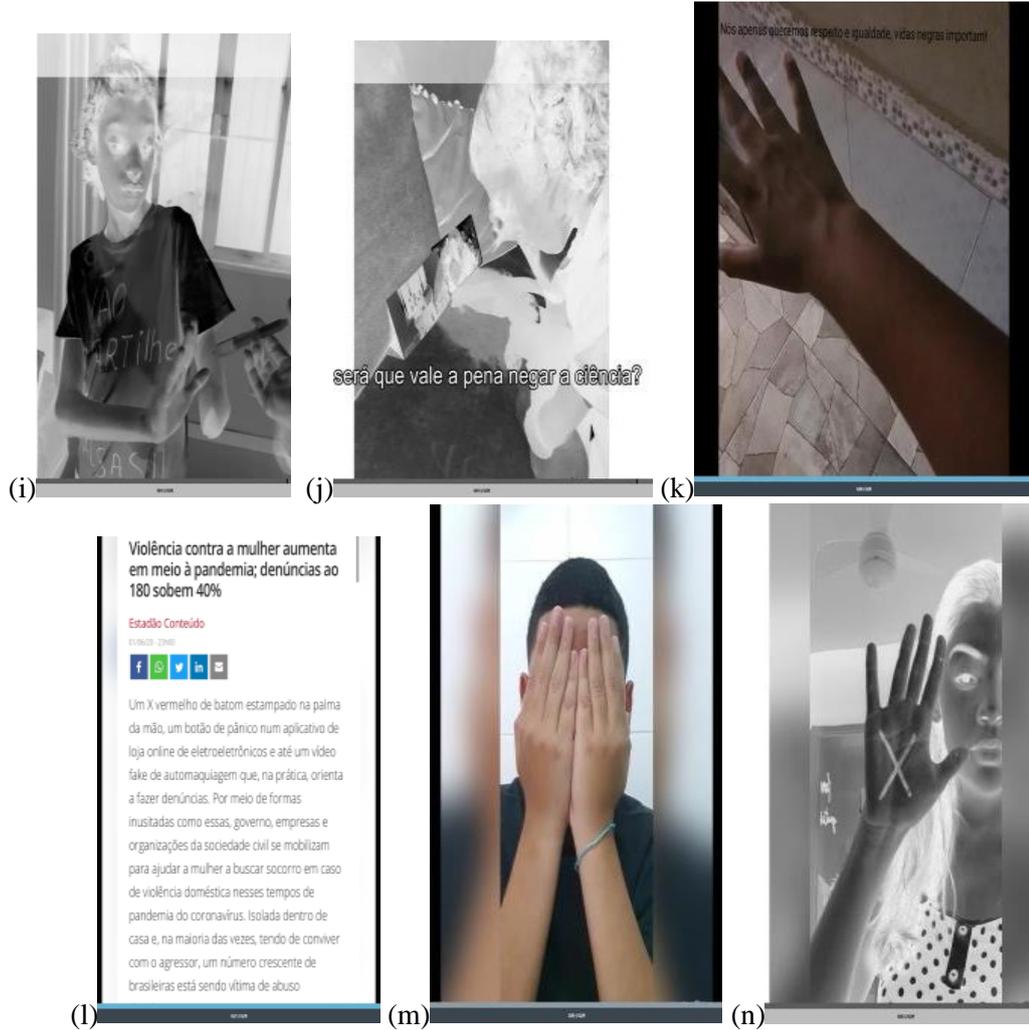
seguinte pergunta-menina: as palavras e as imagens conseguem representar o mundo?; (b) - Os/As Estudantes brincam de gestos que possam representar a palavra “imagem”. Fonte: O Autor, 2022.

## 2) Técnicas De Teatro Imagem, Teatro Jornal e Teatro Fórum aplicadas

As imagens a seguir são momentos do uso da pedagogia brincante com base nas técnicas do Teatro do Oprimido e da relação da pedagogia menina de FREIRE com a máxima “ensinar aprendendo e aprender ensinando”. Abaixo algumas imagens de alguns desses projetos realizados de forma interdisciplinar com técnicas do Teatro do Oprimido: Teatro Imagem, Teatro Jornal e Teatro Fórum (ver as definições da técnica do Teatro do Oprimido na página 26).

Figuras 11 - Projeto Interdisciplinar Discursos em Imagens (9º Ano do Ensino Fundamental II)





Legenda: (a) a (n) - O projeto *interdisciplinar Discursos em Imagens* é uma parceria entre as matérias de Filosofia, Artes e Língua Portuguesa e trata da criação de vídeos e do uso da linguagem não-verbal a partir da representação fotográfica de notícias de jornal de tema livre. Os/As estudantes das turmas 901 e 902 apresentaram vídeos curtos performáticos e utilizaram a linguagem teatral - técnicas do Teatro do Oprimido: Teatro Fórum, Teatro Imagem e Teatro Jornal, fotográfica e audiovisual. Cada vídeo produzido trabalhou com as técnicas de persuasão conceituadas no livro *RETÓRICA* de Aristóteles: o pathos (emoção), o ethos (credibilidade) e o logos (discurso, lógica). O discurso filosófico e a linguagem artística foram colocados em prática. As aulas aconteceram online pela plataforma Microsoft Teams e também presencialmente por conta da pandemia / Covid 19. Fonte: O Autor, 2021.

**ANEXO C - Experiências de jogos teatrais na sala de aula - escola Firjan Sesi Duque de Caxias (ensino médio)**

As imagens que serão vistas agora são registros de momentos da aplicação das brincadeiras e dos jogos teatrais do Teatro do Oprimido aplicados na sala de aula. Essas imagens foram coletadas entre 2021 (com ensino híbrido e pandemia) e 2022 (totalmente presencial). Brincamos aprendendo-ensinando e ensinando-aprendendo as nossas infâncias (ubuntuwana). Estudávamos juntos fazendo meninices ao modo freiriano. Infancializamos.

**1 - Artes Visuais e Teatro Imagem**

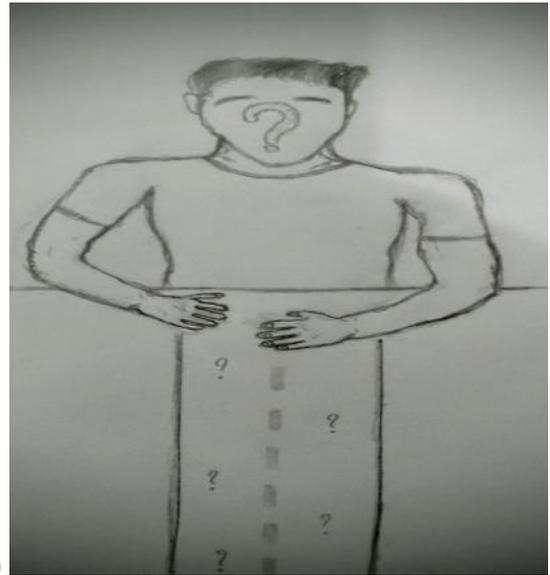
As imagens a seguir são momentos do uso da pedagogia brincante com base nas técnicas do Teatro do Oprimido e da relação da pedagogia menina de FREIRE cuja pedagogia menina da pergunta era o ponto zero motivador das brincadeiras. Abaixo algumas imagens de alguns desses projetos realizados de forma interdisciplinar com técnicas das Artes Visuais e do Teatro Imagem do Teatro do Oprimido (ver as definições da técnica do Teatro do Oprimido na página 26).

Figuras 12 - Projeto Interdisciplinar Nós nos conhecemos? (1º Ano do Ensino Médio)





(e)



(f)

Legendas: (a) a (f) Com base na provocação da pergunta "o que nós somos?" e da provocação socrática "conheça-te a ti mesmo", os/as estudantes do primeiro ano da turma do 1º ano foram desafiados nas aulas de Filosofia e de Artes a colocar no papel como eles se viam. Muitas vezes na escola, somos mais desafiados a olhar para fora e temos poucos momentos para olhar para o nosso interior, para vermos o que somos para nós. A partir deste exercício, os/as estudantes foram desafiados a pensar as questões antropológicas e filosóficas a partir das perguntas meninas: "o que é o ser humano?" e "o que nos faz ser humanos? O foco era fazer um gesto a partir de um exercício de Teatro Imagem e, após, colocá-lo no papel; (a) - A estudante B... fez o desenho e disse: "Professor, eu sempre tive vergonha de assumir quem sou, a minha beleza. Hoje na sua aula estou orgulhosa (falou mostrando o desenho para turma), pois consegui representar e sentir orgulho de quem sou.

## 2 - Técnicas De Teatro Imagem E Teatro Fórum Aplicadas (Junção De Teatro E Audiovisual)

As imagens a seguir são momentos do uso da pedagogia brincante com base nas técnicas do Teatro do Oprimido e da relação da pedagogia menina de FREIRE com a máxima "ensinar aprendendo e aprender ensinando". Abaixo algumas imagens de alguns desses projetos realizados de forma interdisciplinar com técnicas do Teatro do Oprimido: Teatro Imagem, Teatro Jornal e Teatro Fórum (ver as definições da técnica do Teatro do Oprimido na página 26). As fotos estão em negativo para preservar a privacidade dos/das estudantes.

Figuras 13 - Projeto Interdisciplinar Nós nos conhecemos? (1º Ano do Ensino Médio)



(a)



(b)



(c)

Legenda: (a) a (c) - O projeto *interdisciplinar Discursos sobre Ciência* é uma parceria entre as matérias de Filosofia, Sociologia, História, Geografia e Artes e trata da criação de vídeos que retratam os discursos sobre a ciência e o debate sobre conhecimento e sensação debatido no livro *Teeteto* de Platão. Técnicas do Teatro do Oprimido, tais como Teatro Imagem, Teatro Fórum e Teatro Jornal foram trabalhadas. As aulas aconteceram online pela plataforma Microsoft Teams e também presencialmente por conta da pandemia / Covid 19. Fonte: O Autor, 2021.

Figuras 14 - Projeto InterdisciplinarSaúde é Democracia - A Mulher Negra no Xadrez Social (2º Ano do Ensino Médio)



(a)

(b)

(c)

(d)



Legenda: (a) a (c) - O projeto interdisciplinar (Filosofia, Sociologia, Geografia, História e Artes) “Saúde é democracia” traz a temática como o bem-estar das mulheres negras são pontos iniciais de investigação e base para o entendimento da seguinte questão: Por que as mulheres negras no Brasil são as que mais tem seus direitos à saúde negligenciados? Para buscar ideias na busca da resposta a esta questão, as turmas do 2º ano tiveram que fazer: revisão bibliográfica, pesquisar fontes diversas, coletar informações, estudos de caso, análise de gráficos, criar amostragens. Ao final, criaram uma performance teatral online em estilo de Teatro Fórum onde cada grupo teve que mostrar um estudo de caso (uma cena do problema pesquisado). O desafio foi mostrar cada caso pesquisado como estivesse dentro de um jogo de xadrez que chamamos aqui de xadrez social. O tabuleiro de Xadrez traz uma referência importante de um tipo de Estado monárquico e absolutista, que nesta proposta serve de recurso para examinar e ressignificar as formas de governo presente na sociedade ocidental. O jogo de Xadrez tem uma organização que pode trazer uma identidade teatral e lúdica para essa discussão, a partir da identificação: Rei – Estado/ Dama – mídia/ Cavalos – empresa / Bispo – Religiões/ Torre – segurança / Peões – povo. Técnicas do Teatro do Oprimido, tais como Teatro Imagem, Teatro Fórum e Teatro Jornal foram trabalhadas. As aulas aconteceram online pela plataforma Microsoft Teams e também presencialmente por conta da pandemia / Covid 19. Fonte: O Autor, 2021.

Figuras 15 - Projeto Clube de Humanas Direitos Humanos e o Problema da Desigualdade Racial e de Gênero (1º Ano do Ensino Médio )



(a)



(b)



(c)



(d)



(e)



(f)



(g)

Legenda: (a) a (g) - No Clube de Humanas, as aulas acontecem no contraturno das aulas regulares das 4 turmas do 1º ano do Ensino Médio. Os estudantes aprendem ferramentas e metodologias das Ciências Sociais, da Filosofia e das Ciências Humanas aplicadas para investigar os problemas sociais. As técnicas do Teatro do Oprimido, tais como Teatro Imagem, Teatro Fórum e Teatro Jornal foram trabalhadas como ferramenta de pesquisa social. As histórias sobre os problemas enfrentados pelos estudantes sobre as desigualdades de gênero e raça foram transformadas em cenas. O teatro como ensaio da vida, o brincar de ser outro para entender a sua realidade. Fonte: O Autor, 2022.